

A Arca da Aliança

A história da Arca da Aliança do Monte Sinai até o Monte Sião vista à luz dos ensinamentos do Novo Testamento.



Salmos 132:8

“Levanta-te, SENHOR, ao teu repouso, tu e a arca da tua força.”

Hugo Bouter

A Arca da Aliança

A história da Arca da Aliança do Monte Sinai até o Monte Sião
vista à luz dos ensinamentos do Novo Testamento.

1ª edição em português

São Paulo, SP – Brasil
Depósito de Literatura Cristã
2014

Todas as citações bíblicas contidas nesta obra são da versão de Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, a menos que outra seja, especificamente, mencionada.

Nenhuma parte dessa publicação poderá se reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, sejam eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravação, ou por meio de qualquer sistema de recuperação de dados sem a permissão escrita dos editores.

Copyright © 2014 – Todos os direitos reservados por:
Depósito de Literatura Cristã

“A ARCA DA ALIANÇA”

Copyright da versão inglesa:
“CHAPTER TWO 1988”

Publicado originalmente na Holanda por
Uitgeverij Pieters, Groede, ZLD, 1984

Capa + Projeto Gráfico / Diagramação
Adilson Proc – www.procdesign.com.br

Tradução
Alexandros e Simone Meimaridis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

BOUTER, Hugo
A Arca da Aliança / Hugo Bouter;
Diadema-SP : Depósito de Literatura Cristã,
2014.
80p. ; 16 x 23 cm.
ISBN: 978-85-98441-84-9
1. Arca. 2. Aliança. 3. Cristianismo. I. Título

1ª edição em português – junho de 2014

Pedidos e distribuição:

pedidos@boasemente.com.br
www.boasemente.com.br



Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 – São Paulo, SP
BRASIL

NOTA DO EDITOR DA EDIÇÃO ORIGINAL

Hugo Bouter escreveu diversas obras em holandês. Essa é sua primeira obra publicada em língua inglesa. Esse volume foi considerado como um assunto da maior importância e, muito necessário, por crentes de todos os lugares. Foi isso que nos levou a publicá-lo primeiro. A negligência ao estudo da Bíblia é algo que devemos sempre lamentar. Por isso, queremos insistir com todos os leitores cristãos que leiam suas Bíblias pedindo a Deus que lhes ensine a verdade e lhes conceda a força necessária para fazer Sua gloriosa vontade.

A Bíblia está repleta de figuras, e a respectiva interpretação tem o seu fundamento na própria Escritura. Os muitos detalhes fornecidos por Deus com respeito às peregrinações da Arca da Aliança não são oferecidos apenas como um meio de satisfazer a curiosidade dos historiadores e dos arqueologistas. Todas as coisas escritas anteriormente, conforme afirma o apóstolo Paulo: “se tornaram exemplos para nós — (1Co 10:6 – RA).¹

Nossa oração é que esse estudo da Escrituras seja uma grande bênção para todos.

¹ Nota do Tradutor: (RA) = Versão de Almeida Revista e Atualizada no Brasil

ÍNDICE

Prefácio	9
----------------	---

Capítulo 1

INTRODUÇÃO	11
A construção da arca	11
A arca — o trono do ETERNO	14
Os diferentes nomes da arca	16
O transporte da arca	17
A arca — um tipo de Cristo	20

Capítulo 2

DO MONTE SINAI ATÉ SILÓ – PARTE 1	25
Na montanha de Deus	25
A Assembleia do povo como “casa espiritual”	27
A jornada através do deserto	29
O fracasso de Israel no deserto	33

Capítulo 3

DO MONTE SINAI ATÉ SILÓ – PARTE 2	37
Atravessando o Rio Jordão	37
A conquista de Jericó	43
A arca descansa em Siló	46

Capítulo 4

DE SILÓ ATÉ O MONTE SIÃO	49
Samuel e a arca	49
A arca é tomada pelos filisteus	51
A arca na terra dos filisteus	54
A arca retorna a Israel, mas permanece em Quiriate-Jearim	57
A arca é levada para o Monte Sião	61

Capítulo 5

DO MONTE SIÃO PARA O TEMPLO DE SALOMÃO	67
A adoração diante da arca no Monte Sião	67
A arca, o altar e o templo	68
Outras referências à arca em 2 Samuel	71
A arca colocada dentro do templo	72
A parte final da história da arca	76

PREFÁCIO

A razão porque a história da arca da aliança é tão importante é que a mesma é o *trono* de Deus. Ela representa o local da habitação de Deus no meio do Seu povo Israel, de onde Ele exercita Sua autoridade e governa sobre o mesmo. Ligada de forma indissolúvel com a presença da arca está o fato que Deus está *presente* no meio de Seu povo escolhido. A narrativa dramática envolvendo a história da arca da aliança está repleta de importantes lições, até mesmo para nós que somos o povo de Deus na atual dispensação da graça. É através dessas narrativas que aprendemos como o povo de Deus se comportou na presença do SENHOR, e como os inimigos experimentaram Sua presença quando entraram em contato com a arca (especialmente os filisteus que, como veremos, são um tipo dos cristãos nominais e incrédulos). Os eventos ao redor da arca da aliança levantam as seguintes questões:

- 1) Qual é nossa atitude para com a presença de Deus em nosso meio?;
- 2) Nós reconhecemos os direitos de Deus e lhe concedemos o lugar central, que lhe é devido, em nossas vidas?

Que Deus possa usar graciosamente a leitura desse livro para Sua própria glória e para o benefício de Seu povo.

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

A CONSTRUÇÃO DA ARCA

Quando as instruções para a construção do tabernáculo foram dadas por Deus a Moisés, a primeira parte das mesmas que encontramos no livro do Êxodo, chama nossa atenção para as informações acerca da arca da aliança (Êx 25:10-22). A descrição da morada de Deus não se inicia pela parte externa, o pátio ou as tábuas e as cortinas do tabernáculo, mas pelo seu interior. Ainda assim, a mesma não se inicia pelo lugar santo, mas pelo lugar santíssimo, que era a parte mais sagrada de todo o tabernáculo. Ninguém podia entrar naquela área do tabernáculo, com exceção de Moisés e do sumo sacerdote. Esse último, só podia entrar naquele local no Dia da Expição e não sem levar o sangue necessário (ver Levítico 16). Era ali, no lugar santíssimo que se encontrava a arca da aliança, o trono de Deus. Esse é o motivo porque essa parte, vitalmente importante do tabernáculo é mencionada em primeiro lugar, quando Deus começa a descrever o mesmo como o local de Sua habitação no meio do Seu povo. A arca foi construída a partir dos seguintes materiais:

A SUBESTRUTURA

— uma arca de madeira de acácia; de dois côvados² e meio será o seu comprimento, de um côvado e meio, a largura, e de um côvado e meio, a altura – Êx 25:10.

² N do T. Medida padrão de comprimento igual a um pouco menos de 45 centímetros (44,44 cm, ver Gn 6:15). É igual a 2 palmos. É a distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio.

— a mesma deveria ser coberta de ouro por dentro e por fora – Êx 25:11.

— a mesma deveria ter uma bordadura de ouro ao redor na parte superior – Êx 25:11.

— quatro argolas de ouro fundido deveriam ser colocadas nas quatro extremidades da mesma – Êx 25:12.

— as argolas deveriam ser atravessadas por varas, também de madeira de acácia e também revestidas de ouro – Êx 25:13-14.

A SUPERESTRUTURA

— no topo da arca deveria ser colocado um propiciatório de ouro puro, de dois côvados e meio será o seu comprimento, e a largura, de um côvado e meio – Êxodo 25:17.

— nas duas extremidades do propiciatório deveriam ser colocados dois querubins de ouro batido – Êx 25:18. Os mesmos deveriam ser fundidos no propiciatório fazendo com o mesmo uma só peça – Êx 25:19. Os querubins deveriam ter suas faces voltadas para dentro, olhando um para o outro e também para o propiciatório – Êx 25:20.

Essa é uma descrição simples da arca como encontramos em Êxodo 25 e 37. Nesse último capítulo a construção da arca é mencionada como tendo acontecido depois que o tabernáculo já havia sido levantado. Isso é fácil de explicar quando consideramos que no capítulo 37 temos a descrição da responsabilidade do povo na construção do tabernáculo e, no capítulo 25 nós estamos diante de como Deus *enxergava* tudo isso. Deus descreve o local da sua habitação, começando pelo Seu trono, mas da *nossa* perspectiva é impossível construirmos um trono sem que exista um local adequado onde o mesmo possa ser colocado.

A arca não servia apenas como o trono de Deus, o local aonde Moisés vinha para se encontrar com o SENHOR e receber Seus mandamentos. A mesma servia também como local onde estavam depositadas as tábuas do “testemunho”, isto é, as tábuas de pedra contendo os dez mandamentos. “E porás na arca o Testemunho, que eu te darei” – Êx 25:16. Para o povo de Israel a lei dava testemunho acerca dos direitos de Deus e de Seus estatutos. Era algo escrito que podia ser lido por todas as pessoas. Mas uma vez, que o povo de Israel não era capaz de satisfazer os santos e justos requerimentos de Deus — e, naturalmente, nenhuma outra pessoa qualquer pode satisfazer

os mesmos — a lei foi colocada dentro da arca. Ali dentro a mesma estava escondida dos olhos humanos, mas mais do que isso ainda, ela estava coberta pelo sangue aspergido sobre o propiciatório. Tudo isso nos fala que apenas um sacrifício oferecido em substituição podia satisfazer os requisitos da lei. Essa verdade nos é ensinada em Deuteronômio 10, onde nos é claramente dito que a construção da arca aconteceu apenas *depois* do pecado de adoração do bezerro de ouro. Uma vez que o povo de Israel se mostrou incapaz de guardar a lei, tendo imediatamente se afundado na mais grossa idolatria, Deus teve que orientar Moisés a produzir um segundo par de pedras com a lei para repor as primeiras, que haviam sido destruídas por Moisés diante daquele festival de idolatria – ver Êx 32:19. As primeiras duas tábuas da lei foram quebradas por Moisés como uma expressão visível do fato que o povo de Israel havia quebrado a lei em seus próprios corações. Sem dúvida, o povo voltaria a pecar outras vezes, apesar da manifesta graça de Deus demonstrada por causa da intercessão de Moisés. Deus não tinha alternativa senão esconder a lei dos olhos de um povo fracassado que, certamente, era incapaz de guardar a mesma. De agora em diante as tábuas da lei precisavam ser guardadas dentro da arca da aliança.

Para uma pergunta não temos uma resposta exata: a arca da aliança foi construída pelo próprio Moisés (como Deuteronômio 10 dá a entender), ou por Bezalel como afirma Êxodo 37? É possível que os dois homens tenham cooperado na construção da mesma. Outra possibilidade é entendermos a afirmação de Deuteronômio 10 referente a Moisés, como devida ao fato dele ter sido aquele que ordenou todo o serviço relativo ao tabernáculo, supervisionando e aprovando o mesmo (da mesma maneira que artistas contratam pessoas para ajudá-los a desenvolver suas obras de arte). Uma última, porém pouco provável possibilidade, é aquela que alega que Moisés fez uma arca temporária e que depois que a construção do tabernáculo foi terminada, Bezalel teria construído uma arca definitiva, onde foram colocadas as tábuas da lei (ver Êx 40:20 e cf. 1Rs 8:9).

De fato, Êxodo 37 também coloca a construção da arca, de modo bastante claro, *depois* do pecado de idolatria cometido com relação ao bezerro de ouro. De qualquer maneira, a verdade que permanece é que as tábuas do testemunho, contendo a lei de Deus, não podiam ser expostas de forma aberta no meio de um povo pecaminoso. Elas precisavam ser escondidas dentro da “arca do testemunho” e, como afirmamos acima, a arca servia não apenas para guardar as tábuas da lei, mas também como trono de Deus e como o

lugar onde Deus revelava Seus mandamentos a Moisés. Ali também era o local aonde o sumo sacerdote fazia a expiação a favor de um povo pecador, de tal maneira que as exigências da lei eram que, como “cobertas”, pelo sangue expiatório do sacrifício vicário ou em substituição (ver Levítico 16).

Antes de prosseguir com o significado da arca vamos alistar, mais uma vez, suas várias partes e suas diferentes funções:

— a arca propriamente dita: servia como um local de depósito seguro para a lei de Deus.

— as argolas e as varas serviam para transportar a arca em seus deslocamentos.

— a fundição do propiciatório com as figuras dos querubins que servia como trono de Deus e o local aonde a propiciação era feita a favor do povo.

Além disso, nós encontramos no livro dos Números e, de modo especial, nos livros históricos, que a arca também servia como sinal da presença de Deus nas batalhas entre Israel e seus inimigos. Tais batalhas eram consideradas as “guerras do SENHOR” e assim, o próprio Deus mesmo conduzia Seu povo nas batalhas.

A ARCA — O TRONO DO DEUS *ETERNO*

Apesar da arca ter várias funções, a mais importante delas era servir como trono do Deus de Israel. Era por entre os querubins que Deus falava com Moisés e fazia conhecidos seus mandamentos e através dos quais reinava sobre Seu povo. Além disso, como um local seguro que abrigava a lei de Deus, a arca era parte fundamental do trono de Deus. O mesmo é verdadeiro para o propiciatório. A arca contendo a lei de Deus pode ser considerada como a base do trono de Deus. Base essa completamente justa para Seu governo. Mas, uma vez que um povo pecador não tinha condições de satisfazer as justas exigências de Deus, outra base era necessária sobre a qual Deus pudesse demonstrar Sua graça para com eles. Essa outra base era suprida pelo propiciatório, o qual era aspergido com sangue todos os anos como expiação pelos pecados do povo. Essa era a base sobre a qual Deus podia, vez após vez, demonstrar Sua graça para um povo pecador. Salmos 89:14 faz ecoar com força esses dois elementos da soberania de Deus: Sua justiça, bem como Sua graça:

“Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto.”

Dessa maneira, a soberania de Deus no meio de Seu povo Israel, tinha um duplo caráter: ela era uma combinação tanto da lei quanto da graça. Veja por exemplo Êxodo 34:6-7, onde as palavras aparecem na seguinte sequência: misericordioso e piedoso, tardio em irar-se, grande em beneficência e verdade. Note como misericordioso e piedoso antecedem o restante. Não fosse por essa combinação, o povo que no Sinai tinha formalmente se submetido à lei de Deus, não poderia ter sobrevivido, nem Deus poderia ter continuado habitando no meio deles.

Além da arca em si mesma e do propiciatório, os *querubins* também tinham um papel importante no trono de Deus. Deus habitava “entre” ou talvez seja melhor dizermos: “nos” querubins. A visão que Ezequiel teve do trono de Deus parece favorecer essa última ideia. Ele vê os querubins transportando o trono (Ezequiel 1 e 10). Eles estão sujeitos a autoridade de Deus e cuidam de executar Sua soberana vontade. Pode ser argumentado a favor do primeiro entendimento que Deus também é geralmente visto como o SENHOR dos exércitos, que está rodeado por Seus anjos poderosos, que são Seus servos prontos a cumprir Suas palavras. O problema de interpretação nesse caso surge porque, às vezes, o texto hebraico deixa de fora a preposição e assim, os tradutores precisam escolher entre as preposições “entre ou acima” (“acima” na RA em Sl 80:1; 99:1). Entretanto, outras passagens das Escrituras afirmam expressamente que Deus falou com Moisés por “entre” os querubins (Êx 25:22; Nm 7:89 e 1Sm 4:4). Em qualquer um dos casos é bastante evidente que os querubins estão vinculados com a presença de Deus de um modo muito especial (seja como Seus companheiros, ou como Seus transportadores).

É extraordinário o fato que os querubins e o propiciatório formavam uma única peça, e que as faces dos querubins estavam voltadas em direção a esse último. A soberania de Deus é graciosa, e está baseada em Sua obra de redenção. O jardim do Éden estava guardado por querubins e uma espada flamejante com objetivo de impedir o homem caído de entrar, outra vez, no Éden (Gn 3:24). Mas os querubins localizados nas duas extremidades do trono de Deus não podem impedir o homem de se aproximar do SENHOR, pois eles estão olhando para o propiciatório aspergido com sangue. Eles teriam imensa alegria se pudessem olhar para dentro do propósito divino da salvação (cf. 1Pe 1:12).

OS DIFERENTES NOMES DA ARCA

Os nomes dados à arca nas Escrituras confirmam que a mesma era o trono do Deus de Israel. Além dos nomes: 1) a arca; 2) uma arca de madeira; 3) uma arca de madeira de acácia; ainda existem seis outras expressões que podem ser encontradas:

1. *A arca do testemunho*. Essa definição é usada especialmente no livro do Êxodo porque no mesmo está registrada a outorga da lei de Deus no Monte Sinai. As tábuas da lei deveriam ser guardadas dentro da arca. Elas serviam como um testemunho contra o povo diante das justas exigências de Deus e das obrigações resultantes dessas mesmas exigências (Êx 25:22; 26:33-34; 30:6,26; 31:7; 39:35; 40:3,5,21; Nm 4:5; 7:89; Js 4:16).

2. *A arca da aliança*. Uma vez que as tábuas da lei representavam a base da aliança que Deus tinha estabelecido com Seu povo, as mesmas também eram chamadas de tábuas do concerto e, foram colocadas dentro da arca da aliança. Essa expressão aparece com uma grande variedade de formas:

- “arca da aliança” (Js 3:6,8,14; 4:9; 6:6; Hb 9:4);
- “arca da aliança do SENHOR” (Nm 10:33; 14:44; Dt 10:8; 31:9,25; Js 3:17; 4:7, 18; 6:8; 8:33; 1Sm 4:3-5; 1Rs 3:15; 6:19; 8:1, 6; 1Cr 15:25-26, 28-29; 16:37; 17:1; 22:19; 28:2,18; 2Cr 5:2,7; Jr 3:16);
- “arca da aliança de Deus” (Jz 20:27; 1Sm 4:4; 2Sm 15:24; 1Cr 16:6);
- “arca da aliança do SENHOR teu Deus” (Dt 31:26; Js 3:3);
- “arca da aliança do SENHOR de toda a terra” (Js 3:11);
- “arca, em que está a aliança que o SENHOR fez com os filhos de Israel” (2Cr 6:11).

3. *A arca do SENHOR*. Esse nome indica a grande proximidade da presença do *ETERNO*, o Deus da aliança, com relação à arca. Nesse caso, também diversas formas podem ser encontradas:

- “arca do SENHOR” (Js 4:11; 6:6-7, 11-13; 7:6; 1Sm 4:6; 5:3-4; 6:1-21; 7:1; 2Sm 6:9-17; 1Rs 8:4; 1Cr 15:2-3; 16:4; 2Cr 8:11);
- “arca do SENHOR (o *ETERNO*), o SENHOR (*Adonai*) de toda a terra” (Js 3:13);
- “arca do SENHOR vosso Deus” (Js 4:5);

- “arca do SENHOR DEUS” (1Rs 2:26);
- “arca do SENHOR Deus de Israel” (1Cr 15:12,14).

4. *A arca de Deus.* Essa é uma designação mais geral, que expressa Deus em Sua sublimidade, Sua força e poder em vez de Seu caráter como Deus da aliança. Outra vez, essa expressão também é apresentada de formas variadas:

- “arca de Deus” (1Sm 3:3; 4:11-22; 5:1-2,10; 14:18; 2Sm 6:2-12; 7:2; 15:24-25,29; 1Cr 13:5,7,12,14; 15:1-2,15,24; 16:1; 2Cr 1:4);
- “arca do Deus de Israel” (1Sm 5:7-8,10-11; 6:13);
- “arca do nosso Deus” (1Cr 13:3);
- “arca de Deus, o SENHOR, que habita entre os querubins, sobre a qual é invocado o seu nome” (1Cr 13:6).

Esse último nome é bastante comprido: isso se deve ao fato do mesmo unir, em uma mesma expressão, “a arca como trono de Deus, o lugar do Seu nome, Sua Pessoa e Sua presença divina”.

5. *A arca da Tua fortaleza.* Essa expressão é usada apenas duas vezes. A primeira na oração de Salomão por ocasião da consagração do Templo. A segunda aparece no Salmo 132 (2Cr 6:41; Sl 132:8). A arca era um símbolo do poder de Deus que fez as águas do Jordão parar de correr e os inimigos de Israel tremer de medo.

6. *A arca sagrada.* Nós encontramos essa descrição apenas uma vez. A mesma é usada pelo rei Josias durante a celebração da páscoa (2Cr 35:3). Josias foi um grande reformador que levou o povo de volta para adorar o SENHOR. Esse mesmo versículo também nos fala acerca dos levitas, os quais “eram santos” ao SENHOR, isto é, dedicados ao serviço de Deus e especialmente separados para tal propósito. De todos os objetos do tabernáculo a arca era o mais santo e, por esse motivo, foi colocada no lugar santíssimo.

O TRANSPORTE DA ARCA

Como já tivemos a oportunidade de notar, a arca era o trono do Deus da aliança de Israel; a mesma foi construída como parte do santuário que existia no meio do Seu povo, mas Israel era o povo peregrino, seguindo através do deserto para a terra prometida. E através dessa longa jornada, do Egito até

Canaã, Deus peregrinou junto com eles. A nuvem brilhante que representava a presença do próprio Deus, e que cobria o tabernáculo, ia adiante deles mostrando o caminho que deveriam seguir. Por todos esses motivos o santuário e a arca precisavam ser transportáveis. Esse era o propósito da existência das varas que deveriam ser colocadas em cada um dos lados da arca. As mesmas deveriam permanecer nas argolas e não deveriam ser removidas (Êx 25:15). Talvez as mesmas foram parcialmente removidas ou puxadas de tal maneira que eram visíveis do lugar santo, depois que a arca atingiu o seu destino final no Monte do Templo (1Rs 8:8; 2Cr 5:9). O texto hebraico desses dois últimos versículos é um tanto obscuro e isso leva alguns tradutores a descrever as varas como sendo tão compridas que podiam ser vistas do lugar santo.

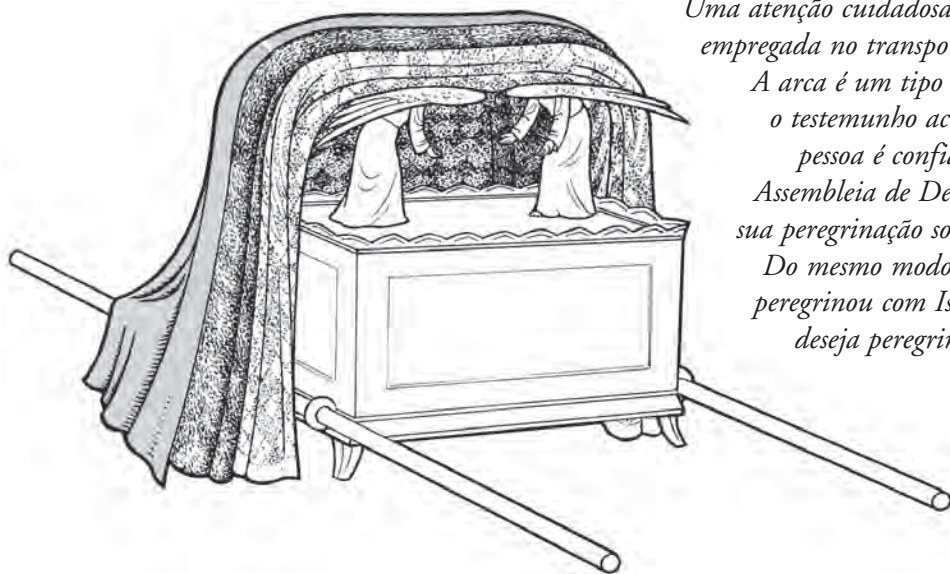
Todavia, Deus fez mais uma provisão para o transporte da arca: antes que os levitas viessem e suspendessem a arca para colocar as varas sobre seus ombros, os sacerdotes tinham que cobrir a mesma com vários tipos de cobertas. A mesma coisa tinha que ser feita com as outras peças sagradas do tabernáculo: a mesa dos pães da proposição, o candelabro, o altar de ouro do incenso, o altar de bronze das ofertas queimadas, e todos os utensílios necessários para o serviço do tabernáculo (Nm 4:1-15). Apenas a pia de cobre não é mencionada, o que, provavelmente significa que a mesma era transportada sem nenhum tipo de cobertura. Todas as outras peças recebiam duas coberturas, com exceção da arca do testemunho e da mesa dos pães da proposição. Para essas duas peças nada menos do que três coberturas eram utilizadas. Sobre a arca eram colocadas as seguintes cobertas:

1. O véu que separava o lugar santo do lugar santíssimo.
2. Uma cobertura feita com pele de texugos — à prova de água.
3. Um pano todo azul.

A ordem das cobertas é muito interessante, porque em todos os outros casos a última coberta era sempre a capa feita com pele de texugo (para impedir que as mesmas fossem molhadas). Dessa forma, quando a arca era carregada através do deserto, a mesma se destacava de todos os outros objetos do tabernáculo, por causa de sua cobertura exclusiva dum pano todo azul. Todos podiam ver que aquela era a parte mais santa de todo o tabernáculo: o trono da glória do Deus ETERNO.

Era função dos *sacerdotes* prepararem todas as coisas para serem transportadas. Mas para fazer o transporte em si, os *levitas* tinham essa responsabilidade, especificamente a família dos *coatitas*, que eram os parentes mais

próximos dos sacerdotes. Isso se devia ao fato da extrema santidade daqueles objetos: somente os sacerdotes poderiam cobri-los com as várias cobertas, e remover e recolocar as varas para o transporte. Somente após essa preparação ter sido cumprida é que os levitas tinham a permissão de entrar e levantar os objetos para transportá-los em seus ombros. Os levitas não tinham permissão de tocar nos santos objetos sob o risco de perder a própria vida (Nm 4:15; 18:2-3 e cf. 2Sm 6:6-7).



Uma atenção cuidadosa deveria ser empregada no transporte da arca.

A arca é um tipo de Cristo, e o testemunho acerca de Sua pessoa é confiado agora à Assembleia de Deus, durante sua peregrinação sobre a terra.

Do mesmo modo que a arca peregrinou com Israel, Cristo deseja peregrinar conosco.

Enquanto as outras famílias dos levitas tinham carrinhos para transportar as tábuas, as colunas e o material que cobria o tabernáculo e etc., os coatitas não dispunham de tal benefício. Eles tinham que carregar os objetos sagrados em seus próprios ombros (Nm 7:9; 1Cr 15:15; 2Cr 35:3). De fato, o rei Davi cometeu um grave erro quando tentou trazer a arca para Jerusalém em cima de um carro novo (ver 1Cr 13 e 15). A arca devia ser transportada, reverentemente, sobre os ombros dos levitas. Em outras ocasiões solenes os sacerdotes também são mencionados como transportadores da arca, como por exemplo: quando o povo se preparava para atravessar o Jordão e conquistar a cidade de Jericó, quando a lei foi lida no Monte Ebal (Js 3, 6 e 8 respectivamente), e também quando da consagração do Templo de Salomão (1Rs 8). Mas esses casos são exceções à regra geral. Nós precisamos nos lembrar que os sacerdotes tinham a responsabilidade última sobre o serviço do tabernáculo e que os levitas tinham sido apontados por Deus para auxiliá-los naquelas tarefas (Nm 3 e 8).

Nós tratamos desse assunto — o transporte da arca — com certa riqueza de detalhes porque o mesmo é muito importante para o todo do nosso estudo da jornada da arca do Monte Sinai até seu local definitivo de descanso no Monte do Templo. Antes de prosseguir, porém, nós precisamos falar sobre o significado tipológico da arca em si mesma e o significado de transportá-la.

A ARCA — UM TIPO DE CRISTO

O tabernáculo e seus objetos eram tipos e sombras das coisas celestiais (Hb 8:5; 9:23). O tabernáculo era o *local de habitação* de Deus e, consequentemente ele nos fala, em primeiro lugar, do próprio céu onde Deus está entronizado. Deus habita num alto e santo lugar; Ele olha para baixo a partir do céu, que é a sua santa habitação; o céu é o Seu trono (Is 57:15; 63:15; 66:1). Da mesma forma como o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, Cristo entrou agora no próprio céu (Hb 9:24). Dentro dessa linha de pensamento, o pátio externo do tabernáculo simbolizava o lugar santo na terra onde o povo de Deus podia se reunir para se encontrar com o SENHOR, o lugar santo representava as regiões celestiais e o lugar santíssimo o céu dos céus, isto é, o terceiro céu.

Entretanto, visto de outro ângulo o *próprio* Cristo é o local de habitação de Deus. “Foi do agrado de Pai que toda a plenitude nele habitasse” (Cl 1:19; 2:9) portanto, Cristo podia comparar o templo em Jerusalém com o “templo do Seu corpo” (Jo 2:19-21). Deus habitou em Cristo e se revelou a Si mesmo ao homem através de Jesus. E todo aquele que vem a Cristo pode se aproximar de Deus através dele. Dessa maneira, o Novo Testamento testifica de modo claro, que os detalhes da habitação de Deus no Antigo Testamento são tipológicos da Pessoa Cristo. Assim, em Hebreus 10:20 o véu que existia no santo lugar nos fala da carne de Cristo, Seu corpo humano. E em Romanos 3:25 nós lemos que Cristo foi demonstrado como uma propiciação (literalmente: “como o propiciatório”; que é a forma como Hebreus 9:5 cita essa palavra em grego).

Essas últimas passagens das Escrituras nos trazem para mais perto do coração do nosso assunto, que é o fato que devemos entender que a arca é um tipo de Cristo. Todavia, devemos notar de passagem, que no tempo presente existe ainda um terceiro “lugar de habitação” de Deus: trata-se da

assembleia do Deus vivo, um lugar de habitação na Pessoa do Espírito Santo (Ef 2:20-22; 1Tm 3:15; Hb 3:6). E nessa casa de Deus a arca, Cristo, ocupa um lugar central. Em Cristo Deus habita no meio daqueles que são Seus e que se encontram sob a graciosa soberania de Seu amado Filho, o qual completou a obra da redenção a favor deles (cf. Cl 1:12-22).

Vamos agora voltar nossa atenção para o significado tipológico da aliança. Esse trono de Deus consistia de dois materiais diferentes: madeira e ouro. Na Septuaginta a madeira de acácia é sempre referida pelo termo “madeira incorruptível”. Essa madeira nos fala da exclusividade humana de Cristo, o qual como um ramo brotou do tronco de Jessé, como uma raiz brota de uma terra seca (Is 11:1 e 53:2). O precioso e puro ouro com o qual a madeira foi revestida representa a glória divina de Sua Pessoa. Do mesmo modo como esses dois materiais foram unidos na arca, Cristo é Deus e homem em uma só Pessoa. Deus habita em Cristo e hoje o próprio Cristo continua presente no meio de Seu próprio povo.

Dentro da arca eram guardadas as duas tábuas de pedra. Mas Cristo tinha a lei de Deus escrita em Seu coração. Ele disse: “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração” (Sl 40:8). A comida do Senhor Jesus era fazer a vontade daquele que o havia enviado e realizar a obra de Deus (Jo 4:34). Agora isso vai muito além do que a lei exigia, pois a lei em nenhum lugar exigia que qualquer justo deveria morrer por alguém injusto. Entretanto, Cristo sacrificou Sua santa e pura vida para glorificar a Deus e para redimir pecadores. Esse é o motivo porque o Salmo 40 une o cumprimento da vontade de Deus com esse sacrifício perfeito (cf. Sl 40:6-8 com Hb 10:5-10).

A arca era a base sobre a qual se localizava o propiciatório. De modo semelhante, a vida perfeita de Cristo foi a base de Seu sacrifício. Da mesma maneira que não podemos ver a arca e o propiciatório salpicado de sangue separados, assim também não podemos ver a obra de redenção de Cristo separada da exclusividade de Sua Pessoa. E foi essa Pessoa tão especial — que era tanto Deus quanto homem em Cristo — que se entregou a Si mesmo como um sacrifício. Talvez o fato que o propiciatório era feito de puro ouro sirva para nos mostrar que Cristo cumpriu Sua obra redentora no poder de Sua Divindade. Nenhum homem poderia oferecer satisfação a favor dos outros seres humanos; somente Cristo era capaz de pagar o resgate, porque Ele era tanto homem quanto Deus.

O propiciatório e os querubins que se levantavam sobre o mesmo de cada uma de suas extremidades, compunham o verdadeiro trono de Deus.

Em Hebreus 9:5 os querubins são chamados de “os querubins da glória”. Eles nos falam da autoridade divina que tem sido dada a Cristo e que agora está sendo exercida por Ele através de Sua graciosa soberania. Toda a glória está a Seu serviço. Aquele que morreu é agora o Senhor ressuscitado e glorificado, o qual tem toda a autoridade tanto no céu quanto sobre a terra. Saber que tal autoridade divina está baseada na obra realizada da redenção (do mesmo modo como os querubins repousavam sobre o propiciatório) nos transmite uma segurança maravilhosa.

Por essa razão o trono de Deus no meio de Seu povo é um trono de *graça* e Sua soberania é uma *soberania graciosa*. Em Cristo, Deus está agora habitando entre Seu povo redimido e Seu reino no meio deles está condicionado por Sua *graça*. Do mesmo modo que a arca era o ponto central da vida do povo de Israel e as tribos se acampavam ao redor dela — primeiro a tribo de Levi, os sacerdotes e os levitas, depois as outras tribos — Cristo é agora o verdadeiro Centro daqueles que lhe pertencem. Eles estão reunidos em Seu nome e ali, Jesus se encontra no meio deles (Mt 18:20).

Isso também significa que Cristo tem toda autoridade no meio daqueles que são Seus e que Ele é reconhecido por eles como tal. Se tudo estiver ordenado dessa maneira, decisões tomadas no meio da Assembleia do povo de Deus são decisões do próprio Cristo, decisões que emanam “do Seu trono”. Do mesmo modo como Deus deu ao Seu povo terrestre Suas leis a partir da arca, Ele tem agora manifestado, através de Cristo, Sua vontade para o Seu povo celestial: a Assembleia dos santos. Cada crente deve reconhecer essa vontade revelada todas as vezes que ler a Palavra de Deus. Estamos nós sujeitos pessoal e coletivamente, a essa autoridade divina presente em nosso meio?

O fato do povo de Israel ser um povo peregrino é algo muito importante. Isso significa que o santuário — incluindo a arca — tinham que ser transportados no meio do povo durante suas peregrinações através do deserto. O destino do povo era a terra de Canaã, e era ali que a arca deveria encontrar um local de repouso permanente. Da mesma maneira a Assembleia dos santos está peregrinando através desse mundo em direção ao seu destino celestial. A mesma não possui uma cidade permanente aqui na terra, mas busca aquela que ainda vai chegar. Durante essa peregrinação ela carrega consigo o testemunho acerca de Cristo, da mesma maneira que a arca acompanhava o povo de Israel durante sua longa jornada através do deserto. Então, quando nós falamos acerca da arca sendo carregada, surge a seguinte questão: Nós estamos levando o Senhor Jesus junto conosco? Estamos honrando Seu nome

de maneira apropriada durante nossa caminhada aqui na terra? Cristo não é apenas Aquele que está no centro quando nos reunimos em Seu nome como povo de Deus. Ele também nos acompanha em todos os nossos passos durante a caminhada. Ele é nosso companheiro fiel em todas as nossas experiências no deserto, e em todas as provações e testes que caem sobre nós como parte do povo de Deus nesse mundo. Será que nós compreendemos essa realidade e tratamos o Senhor com a devida reverência? Estamos conscientes da presença do próprio Deus, na Pessoa de Cristo e no Espírito Santo, em nosso meio andando junto conosco? (cf. 1Co 14:25).

Esses são os motivos porque a história da arca de Deus é tão importante para nós. Nela nós encontramos muitas lições acerca de como devemos tratar o precioso testemunho acerca da pessoa de Cristo, o qual nos tem sido confiado. Não temos nenhuma dúvida que toda reverência com a qual os sacerdotes e os levitas tratavam a arca, tem muito para nos ensinar. Falaremos disso quando apresentarmos os diferentes materiais utilizados para cobrir a arca, no próximo capítulo.

Capítulo 2

DO MONTE SINAI ATÉ SILÓ

PARTE 1

NA MONTANHA DE DEUS

Depois que Deus libertou Seu povo da escravidão do Egito, Ele os transportou com asas como de águias e os trouxe para Si mesmo (Êx 19:4). Deus os conduziu para fora da terra do Egito e diretamente, através do Mar Vermelho e do deserto, até o Monte Sinai. Ali era o propósito de Deus tornar a Si mesmo melhor conhecido ao povo. Ele os havia libertado e separado de todos os povos da terra para ser Sua propriedade exclusiva. Os israelitas deveriam ser para Ele “um reino sacerdotal e um povo santo” (Êx 19:6), portanto, aqui estamos diante de um povo libertado do inimigo o qual fazia com o mesmo como melhor lhe parecia. De agora em diante, eles se dedicariam apenas a Deus. Eles estão na presença de Deus, acampados ao redor da montanha onde Ele se encontra e de onde Ele fala ao povo que lhe pertence, com o objetivo de tornar-se conhecido deles. O desejo de Deus é habitar no meio deles para sempre. Mas isso é impossível, a menos que um santuário seja edificado para Ele. Esse é o grande tema da segunda parte do livro do Êxodo: o tabernáculo, a tenda da habitação que Moisés ordenou aos israelitas que construíssem, de acordo com o modelo que lhe foi mostrado no Monte Sinai pelo próprio Deus. “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles. Conforme tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis” (Êx 25:8-9).

Essas palavras de Êxodo 25 são imediatamente seguidas pela descrição da arca, que representa o trono de Deus no meio de Seu povo e o local onde

Moisés deveria se aproximar de Deus para receber os mandamentos divinos: “E ali virei a ti e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins (que estão sobre a arca do Testemunho), tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel” (v.22). No próximo capítulo iremos falar acerca do local, dentro do santuário aonde a arca deveria ser colocada: a mesma não deveria ser colocada na primeira metade do tabernáculo — o lugar santo — mas atrás do véu, dentro do lugar santíssimo (Êx 26:33-34). Desse modo, não havia nada além do trono do *ETERNO* dentro do lugar santíssimo; o mesmo estava separado dos demais objetos santos do tabernáculo através de um véu. Ali, apenas Moisés tinha liberdade de entrar quando quisesse. O sumo sacerdote só poderia entrar um dia por ano quando se aproximava do trono com o sangue da expiação para ser aspergido diante e sobre o propiciatório.

Êxodo 30 nos oferece um número de detalhes acerca da colocação e da consagração da arca: a mesma deveria estar alinhada com o altar de incenso, o qual ficava do outro lado do véu (v.6) e quando o tabernáculo foi consagrado a arca também deveria ser ungida com o santo óleo da unção (v.26). A seguir, em Êxodo 31, dois homens extremamente capacitados — Bezalel e Aoliabe — foram indicados para dirigir o trabalho. Os nomes desses dois homens significavam respectivamente: (1) “sob a sombra ou proteção de Deus”; (2) “tenda do pai”. São nomes realmente bonitos que têm tudo a ver com a tarefa que deveriam cumprir, que era a construção do tabernáculo de Deus. Nesse momento a narrativa é interrompida pela triste história do bezerro dourado (Êxodo 32-34). Somente pela intercessão de Moisés foi que a misericórdia de Deus foi demonstrada ao povo pecador, que tão depressa voltou suas costas para o Deus *ETERNO*. A partir de Êxodo 35 encontramos uma descrição detalhada do trabalho de construção do tabernáculo conduzida por Bezalel e Aoliabe, que eram companheiros nessa tarefa. Tudo foi feito de acordo com as instruções previamente dadas por Deus a Moisés em Êxodo 25-30.

O livro de Êxodo termina com Moisés aprovando toda a obra e se envolvendo pessoalmente na montagem do tabernáculo (Êx 39-40). A arca que Bezalel fez (Êx 37:1-9) foi trazida a Moisés para ser inspecionada e colocada, pelo próprio Moisés, dentro do tabernáculo: “E tomou o Testemunho, e pô-lo na arca, e meteu os varais à arca; e pôs o propiciatório sobre a arca, em cima. E levou a arca ao tabernáculo, e pendurou o véu da cobertura, e cobriu a arca do Testemunho, como o SENHOR ordenara a Moisés” (Êx 40:20-21).

Exatamente um ano após o êxodo do Egito, Moisés levantou o tabernáculo (Êx 40:17); e o momento mais importante daquele trabalho foi quando o Próprio SENHOR assumiu o mesmo como local de Sua habitação:

“Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo” (Êx 40:34). De agora em diante, a coluna de nuvem e a coluna de fogo que haviam ido adiante do povo durante o êxodo do Egito (Êx 13:21-22), e que haviam repousado sobre o Monte Sinai quando a lei foi dada ao povo (Êx 24:15-17), descansaram agora sobre o tabernáculo. Deus transformou o tabernáculo em Seu próprio santuário. E a nuvem brilhante de Sua presença encontrou repouso no meio de Seu povo e o SENHOR iria acompanhá-los através de todas as suas jornadas (Êx 40:35-38).

A ASSEMBLEIA DO POVO COMO “CASA ESPIRITUAL”

A casa que Moisés, o servo de Deus, construiu é um reflexo pálido da casa que Cristo agora construiu como Filho de Deus (Hb 3:1-6). O tabernáculo é uma sombra das coisas melhores e celestiais que foram reveladas quando Cristo desceu a esse mundo e depois quando Ele enviou o Espírito Santo. O fim do livro do Êxodo tem uma contrapartida no Novo Testamento no início do livro dos Atos dos Apóstolos. Do mesmo modo como a presença do SENHOR encheu o tabernáculo (Êx 40) o Espírito de Deus encheu a Assembleia dos santos, a qual Cristo havia criado pela virtude de Sua morte e ressurreição (Atos 2). Moisés foi o construtor de um santuário material e terreno, mas Cristo é o Construtor de uma casa espiritual celestial, uma habitação eterna e indestrutível. Moisés conduziu Israel para fora do Egito. Cristo liberta Seu povo para fora do presente século mau (Gl 1:4). Moisés libertou Israel do poder do faraó. De modo semelhante Cristo libertou os Seus do poder do príncipe deste mundo, Satanás (Jo 16:11,33). O Mar Vermelho separou de uma vez para sempre Israel do território onde costumava viver na escravidão. Da mesma maneira, através da morte de Cristo nós fomos libertados para sempre tanto da escravidão ao pecado como do próprio Satanás (Rm 6-8). Agora pertencemos ao Senhor ressuscitado e estamos sob Sua autoridade apenas, do mesmo modo como Israel, quando deixou o Egito e se colocou sob a autoridade de seu líder Moisés (1Co 10:1-2).

Moisés conduziu o povo de Israel para a montanha de Deus (essa é a forma como o Sinai é referido mais de uma vez no livro do Êxodo; ver 3:1; 18:5; 24:13). Isso significa que Moisés levou o povo para comparecer diante da presença de Deus, e que era a intenção de Deus habitar no meio de Seu

povo redimido para sempre. De igual modo, Cristo, o autor da nossa salvação, *nos levou a Deus* (cf. 1Pe 3:18). É intenção de Deus que nós, como Seus redimidos, habitemos em Sua presença e prestemos atenção no que Ele tem para nos dizer. Como filhos agradecidos de Deus e uma família de sacerdotes e reis, nós podemos nos aproximar do nosso Deus e tributar-lhe a honra que Ele merece, por causa da grande salvação que Ele alcançou a nosso favor.

De modo semelhante, como a glória de Deus encheu o local construído para Sua habitação por Moisés e pelos israelitas, assim também Deus está agora através de Seu Espírito habitando na Assembleia dos santos. A “congregação” de Seus redimidos é também a “casa” na qual Deus agora habita. (Nós encontramos esses dois significados da palavra “casa” muitas vezes nas Escrituras, ver, por exemplo: 2Sm 7). No dia do pentecostes o Espírito Santo encheu essa casa espiritual de Deus (Atos 2:4). E é nessa casa que Deus irá habitar para sempre: o Espírito Santo estará conosco para sempre. Ele irá habitar conosco e estará em nós (Jo 14:16-17).

Um aspecto do tabernáculo como tipo de Cristo é que o mesmo nos confronta com a questão da *nossa responsabilidade*. Moisés e os israelitas juntos construíram o lugar de habitação de Deus e, com esse propósito eles trouxeram contribuições voluntárias (Êx 25 e 35). Se Deus pelo Seu Espírito fez Sua habitação em nós e está vivendo em nosso meio, isso também nos diz respeito. Todos nós estamos envolvidos na concretização prática dessa grande bênção. Os crentes que estavam reunidos no dia do pentecostes estavam ansiando pela vinda do Consolador, o qual iria revesti-los com poder do alto. Eles estavam preparados para serem enchidos com o Espírito Santo e, a partir daquele momento, se colocaram inteiramente sob a direção desse mesmo Espírito. É óbvio que nós não podemos adicionar nada, nem retirar nada do *glorioso fato* da vinda do Espírito (pois isso está baseado somente na obra completada por Cristo e em Sua glorificação no céu). Quando chegamos a essa questão que trata de nós sermos o local da “habitação de Deus”, de uma maneira prática, nossa verdadeira condição espiritual é da maior importância. Deus apenas habita em um local aonde Ele pode “descansar”, onde existem corações preparados para dar ao Senhor o justo lugar que lhe é devido. Todos nós somos pessoalmente responsáveis pela concretização, de modo prático, desse tremendo privilégio que é sermos juntamente habitados e nos constituirmos no local de habitação de Deus. Se entristecemos ou extinguímos o Espírito (Ef 4:30; 1Ts 5:19), não iremos experimentar muito da realidade de sermos habitados por Deus no Espírito. Nesses casos é possível que a presença de Deus tenha que nos deixar — exatamente como aconteceu na história de Israel quando a glória do SENHOR teve que ser retirada do meio do Seu povo.

A JORNADA ATRAVÉS DO DESERTO

Na montanha de Deus Israel recebeu as leis do SENHOR. Todavia, não era o propósito de Deus que Seu povo permanecesse ali. Ele desejava conduzi-los até a terra prometida e dar-lhes uma herança que lhes fosse própria.

E no santuário que os israelitas tinham construído para Deus, o próprio SENHOR peregrinava com o Seu povo, de tal modo que Ele sempre pudesse tornar conhecida a Moisés Sua vontade para eles. Assim, depois de um período de preparação no Monte Sinai chegou a hora para que o povo desmontasse o acampamento e continuasse sua jornada até a terra de Canaã levando consigo o local da habitação de Deus em seu meio.

A narrativa da jornada de Israel através do deserto pode ser encontrada no livro de Números. E nesse livro nos deparamos com diversos detalhes acerca do transporte do tabernáculo, e é claro, da arca, que era o trono de Deus, bem como informações acerca de como as tribos de Israel deveriam marchar e etc. É a esses fatos que voltamos nossa atenção agora. De passagem devemos notar, todavia, que no livro anterior de Levítico, a arca é mencionada apenas uma vez nominalmente no capítulo central 16, onde o ritual do Dia da Expição está descrito. Depois que os filhos de Arão, o sumo sacerdote se aproximaram da presença de Deus transportando fogo estranho, a entrada de Arão no santuário ficou restrita ao evento anual da celebração do Dia da Expição (Lv 10:1-2; 16:1-2). Em contraste a tudo isso, o privilégio do cristão é que ele tem plena confiança para se aproximar do trono da graça a qualquer tempo através do véu que foi rasgado (Hb 4:16; 10:19-22).

Quando alguém lê os primeiros capítulos do livro de Números deve logo notar que o tabernáculo ocupa o lugar central no meio das tribos de Israel: “Então, partirá a tenda da congregação com o exército dos levitas no meio dos exércitos; como assentaram as suas tendas, assim marcharão, cada um no seu lugar, segundo as suas bandeiras” (Nm 2:17). A tribo de Levi acampava próxima do local de habitação de Deus, cercando o mesmo, porque os sacerdotes e os levitas tinham a responsabilidade de servir junto ao santuário. As outras tribos acampavam ao redor em um círculo mais amplo. Como já mencionamos antes, isso nos fala do local central ocupado por Cristo entre Seu povo que está sendo reunido em Seu nome (Mt 18:20).

A impressão que temos pela leitura de Números 2:17 é que tal ordem divina deveria ser mantida mesmo quando o acampamento estivesse

desmontado. O santuário ainda retinha seu local central na longa linha de tribos. De acordo com Números 10 a ordem correta para o deslocamento do povo estava assim estabelecida:



- a coluna de nuvem;
- as três tribos do lado leste (Judá, Issacar e Zebulom);
- os filhos de Gérson e de Merari, os quais transportavam as cobertas, as colunas e as tábuas do tabernáculo sobre carrinhos;
- as três tribos do lado sul (Rúben, Simeão e Gade);
- os coatitas, transportando os objetos santos: a arca, o altar de incenso, a mesa dos pães da proposição, o candelabro, a pia de cobre e o altar das ofertas queimadas;
- as três tribos do lado oeste (Efraim, Benjamim e Manassés);
- as três tribos do lado norte (Dã, Aser e Naftali).

Dessa forma, os objetos santos do tabernáculo ficavam localizados exatamente no meio da caravana, precedidos e seguidos por seis tribos. A estrutura propriamente dita era desmontada antes e carregada adiante das coisas santas, de tal maneira que a mesma podia ser remontada e preparada antes dos coatitas, que transportavam a carga mais preciosa, chegassem ao local do acampamento (Nm 10:21). Esses objetos nos falam da Pessoa de Cristo de uma forma muito especial. E, se fossemos aplicar esse tipo de Cristo do Antigo Testamento a nós mesmos, o mesmo significaria que Cristo não está apenas em nosso meio, em nosso lugar de descanso no deserto, mas Ele nos acompanha durante toda a extensão do caminho que nós, como peregrinos, temos que caminhar. Quando nós estamos “acampados” ao redor do Senhor, Ele mesmo está em nosso meio; mas Ele também está conosco a cada dia à medida que marchamos de um oásis para outro.

Ele nos conduz pelo Seu Espírito; isso está indicado pelo tipo representado pela coluna de nuvem, a qual ia *adiante* dos israelitas e lhes mostrava o caminho a seguir. Assim também, Jesus está em nosso *meio* à medida que nós seguimos adiante; isto está indicado pela localização central da arca no meio do comboio tribal. Cristo é o centro do nosso testemunho durante nossa caminhada sobre a terra: nós estamos carregando junto conosco o testemunho acerca de Sua preciosa Pessoa e o anunciamos ao mundo externo.

Essa última ação mencionada é algo que devemos fazer com a devida reverência e prudência. Esse é o significado tipológico das várias cobertas com as quais os sacerdotes deveriam cobrir a arca antes da mesma ser transportada pelos levitas. A arca precisava ser tratada com grande cuidado, assim também como devia acontecer com todos os outros objetos santos. De acordo com Números 4, três cobertas eram necessárias para a arca. A primeira era o véu que separava o lugar santíssimo do lugar santo. Em Números 4:5 o mesmo

é chamado de o “véu da tenda”, e em Êxodo 40:21 de “véu da cobertura”, isto é, o véu cobria a arca e a escondia dos olhos dos homens que estavam até mesmo dentro do tabernáculo. Outra expressão é o “véu do testemunho”, que pode ser encontrada em Levítico 24:3 (esse nome faz referência ao fato que o véu escondia tanto a arca quanto aquilo que ela guardava: as duas tábuas do testemunho).

Todas essas escrituras vinculam o véu com a arca. O véu escondia o trono de Deus dos olhos do homem. Isso acontecia quando o tabernáculo estava montado, e também quando o mesmo era transportado através do deserto. O véu era composto de fios nas cores: azul, púrpura, escarlate e de linho fino torcido. Nele estavam bordados querubins que faziam do véu uma das mais belas peças do tabernáculo que servia como cobertura para o mais santo dos objetos: a arca onde Deus sentava entronizado e com a qual ele havia vinculado Sua presença. Em Hebreus 10:20 nós lemos que o véu é um tipo de Cristo durante Sua vida na terra. Quando Cristo morreu, o véu no templo foi rasgado em duas partes *de alto a baixo*. Por causa da morte de Cristo, Deus mesmo abriu um acesso ao Seu trono. A vida perfeita de Cristo não poderia nos conduzir a Deus: para que isso acontecesse era necessário que Cristo morresse e que Sua vida fosse cortada de sobre a terra. Entretanto, em nosso testemunho aqui sobre a terra, a vida de Cristo ocupa um lugar importante. Nós precisamos sempre repetir que Ele foi o único ser perfeitamente justo (isso nos é ensinado como um tipo pelo fino linho torcido do véu), o Homem do céu (o pano de puro azul), o Filho do homem, cujo reino é universal (a cor púrpura), e o Rei de Israel (a cor escarlate). Também toda autoridade foi concedida a Jesus (os querubins).

Tanto o véu quanto a arca são tipos de Cristo. Quando transportamos “a arca” conosco, em outras palavras, quando damos testemunho do fato que Deus se revelou a Si mesmo na Pessoa de Cristo e através de Sua obra redentora, e que com base nessas realidades Jesus está agora habitando em nosso meio, nós não podemos nunca dissociar essa realidade de Sua humanidade única nem de Suas glórias pessoais como demonstradas em tipo através do véu.

Mas quando a arca era transportada, ela tinha que ser coberta com uma segunda capa, feita com pele de texugo e por cima de tudo uma terceira feita de tecido na cor azul (Nm 4:6). A pele de texugo é a prova d’água. Por esse motivo a cobertura externa do próprio tabernáculo também era feita de pele de texugo. Isso indica que devemos guardar nosso testemunho acerca da Pessoa de Cristo contra todo tipo de influência danosa vinda de fora. Quanto

“vento de doutrina” (Ef 4:14) não existe tentando anular a obra e a Pessoa de Cristo!

A cobertura externa da arca era feita de um tecido de puro azul distinguindo, dessa maneira, a arca de todos os outros objetos santos do tabernáculo (que tinham como última cobertura a pele de texugo). Desse modo a arca, que era a parte mais importante de todo tabernáculo era facilmente discernível. Os levitas que carregavam a arca em seus ombros, tributando reverência pessoal à mesma, estavam plenamente conscientes da importância do dever a cumprir. Da mesma forma, em nosso testemunho acerca da Pessoa de Cristo, nós devemos enfatizar, continuamente, o fato que Ele é uma Pessoa *celestial* única, Aquele que acima de tudo é objeto da grande alegria de Deus.

Finalmente, nós devemos apontar o fato que quando o povo saiu do Sinai, não apenas a coluna de nuvem, mas também a arca seguia à frente deles em busca de um lugar de descanso para o povo de Deus (ver Números 10:29-36). Essa excepcional posição da arca só pode ser explicada se interpretarmos o pedido de Moisés feito a seu cunhado, Hobabe, para ir com eles e mostrar-lhes o caminho no deserto de forma negativa, isto é, como uma falta de confiança na direção de Deus. Não era Hobabe que serviria “como guia” (v.31) para os israelitas, mas o Próprio Deus é que seria o guia deles para a terra prometida. Portanto, quando eles deixam a montanha do SENHOR, a arca, com a qual Deus vinculou Sua presença assume a liderança (v.33).

Os últimos dois versículos de Números 10 também são importantes, porque eles nos mostram a grande reverência com a qual Moisés tratava a arca: “Acontecia que, partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os odiadores. E, pousando ela, dizia: Volta, ó SENHOR, para os muitos milhares de Israel”. Moisés fala essas palavras tendo plena consciência que a arca representava o Próprio Deus (“Levanta-te, SENHOR” e “Volta, ó SENHOR”). O Próprio Deus ia adiante de Seu povo, dispersando seus inimigos e depois retornava com Suas bênçãos para os muitos milhares de Israel.

O FRACASSO DE ISRAEL NO DESERTO

Como já tivemos a oportunidade de notar, o livro de Números contém a narrativa da jornada do povo de Israel através do deserto até a terra prometida por Deus. Nos primeiros dez capítulos encontramos os preparati-

vos para a jornada. A segunda parte do livro (capítulos 11 a 25) nos mostra como Israel fracassou durante sua jornada através do deserto. Trata-se de um triste lamento repleto de murmurações e reclamações que culminam com a incredulidade do povo recusando tomar posse da terra prometida (depois de terem posto o SENHOR à prova já por dez vezes e não terem ouvido Sua voz — Nm 14:22).

Nesse contexto nossa atenção é chamada para os últimos versículos de Números 14, porque neles a arca da aliança é mencionada novamente. Aqui a arca não está indo vitoriosamente adiante do povo, mas permanece no acampamento (vv.39-45). Deus não podia acompanhar um povo que se recusava fazer expiação por seu pecado de incredulidade. Deus disse que eles teriam que vagar pelo deserto por quarenta anos (vv.33-34). No entanto, em vez de se submeterem a Deus e a Sua sentença, os israelitas tentaram entrar na terra de Canaã. A reivindicação deles de agir em conformidade com a promessa de Deus, entretanto, era uma transgressão clara ao mandamento do SENHOR. Deus não poderia ir com eles para dispersar os inimigos que surgissem diante deles. É algo realmente chocante, lermos o versículo 44, depois da advertência de Moisés onde diz: “contudo, temerariamente, tentaram subir ao cume do monte; mas a arca da aliança do SENHOR e Moisés não se apartaram do meio do arraial”.

Nesse momento Moisés demonstrou que estava verdadeiramente sujeito à Palavra de Deus e que tinha um entendimento correto da mente do SENHOR. Se Deus é *por* nós, quem será *contra* nós? Nessas condições nenhum inimigo poderá nos resistir. Agora, se Deus está *contra* nós e se Ele não pode aprovar nossos próprios planos e pensamentos, quem, então será *por* nós? Dessa maneira só podemos sucumbir ao poder do inimigo — do mesmo jeito como aconteceu com Israel nessa passagem. O que somos ensinados aqui é que não podemos fazer nenhuma coisa separados de Deus (“sem mim nada podeis fazer” — Jo 15:5).

Em Números 16 nos deparamos com um segundo clímax do fracasso de Israel no deserto: trata-se da rebelião de Coré, Datã e Abirão. Por meio dessa revolta a liderança de Moisés e Arão, e particularmente, o sacerdócio aarônico ordenado por Deus foram atacados (ver Nm 16:10-40). Tendo julgado os revoltosos, Deus confirmou o sacerdócio aarônico por meio de um sinal extraordinário (Nm 17): o florescimento da vara de Arão, que em apenas uma noite floresceu e produziu amêndoas maduras. Daquele momento em diante aquela vara — o símbolo da autoridade e dignidade de Arão — tinha

que ser guardada *diant*e do testemunho (isto é, *diant*e da arca contendo as tábuas do testemunho — Nm 17:10).

Em Hebreus 9:4 nós lemos que essa vara, juntamente com um jarro de ouro contendo o maná (o qual é mencionado em Êx 16:33, também tinham sido guardadas *diant*e do SENHOR) e, é claro, as duas tábuas da lei de Deus eram guardadas dentro da arca da aliança. A localização exata da vara de Arão e do jarro de ouro contendo o maná representa certa dificuldade no registro bíblico. E isso porque quando da consagração do Templo, se afirma explicitamente que não havia *nada* dentro da arca “exceto as duas tábuas de pedra que Moisés colocou ali dentro da mesma no Monte Horebe” (1Re 8:9; 2Cr 5:10). A explicação pode ser que a vara de Arão e o jarro contendo o maná estavam dentro da arca por algum tempo, e foram removidos mais tarde. Isso concorda com as Escrituras do Antigo Testamento já referidas, que dizem que apenas esses objetos deveriam ser colocados diante do testemunho e mantidos ali.

O significado tipológico para nós não representa nenhum problema, uma vez que esses objetos nos falam da Própria Pessoa de Cristo. O jarro contendo o maná nos fala de Cristo como o verdadeiro pão que desceu do céu (cf. João 6). E o fato que a lembrança desse alimento deveria ser mantida para sempre. O maná foi o alimento do povo no deserto (Êx 16:32; Js 5:12); e, no entanto, seu valor é eterno, mesmo quando não estamos mais no “deserto”.

Em contraste ao maná (que nos fala da vida de Cristo sobre a terra) a vara florescida de Arão nos mostra em tipo o poder e o maravilhoso fruto da ressurreição de Cristo. No maná nós vemos Cristo como Ele desceu para o meio das circunstâncias vividas na terra e como Ele serve como nosso alimento espiritual. Mas na vara de Arão que floresceu, nós vemos o poder da Sua ressurreição. Cristo é um sacerdote “segundo a virtude da vida incorruptível” (Hb 7:16-17). A amendoeira é a primeira árvore frutífera a florescer naquela região. Quando isso acontece ainda é inverno no hemisfério norte. Ela é o símbolo da nova vida que brota, que marca o fim da hibernação (em hebraico as palavras “velar” e “amendoeira” são idênticas — cf. Jr 1:11-12).

Como Aquele que ressuscitou, Cristo é agora sacerdote para sempre diante do trono de Deus, por causa de Sua morte e ressurreição. Ele produziu muito fruto e nos ressuscitou para vivermos *com* Ele. Cristo nos conduz para a presença de Deus como Aquele que deixou perfeitamente claro que somente Ele poderia produzir vida em meio à morte (*somente* a vara do sacerdote escolhido por Deus produziu fruto).

Que grande privilégio que nós temos de podermos conhecer a Cristo dessa forma, podendo observar as várias facetas de Sua Pessoa! Já nos referimos à arca e às duas tábuas da lei como tipos de Cristo, como Aquele que cumpriu, perfeitamente, a vontade de Deus e nos libertou da maldição da lei, tendo “riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária” (Cl 2:14). A arca nos mostra o mistério da Sua Pessoa: Cristo era tanto Deus quanto homem em uma única Pessoa. O jarro contendo o maná irá sempre nos lembrar o fato que Jesus é o pão que desceu do céu. A vara de Arão que floresceu é um tipo de Cristo, como Aquele que ressuscitou e recebeu um sacerdócio eterno e imutável. É desse modo que podemos conhecê-lo em nossa jornada através do “deserto”, durante nosso caminhar como povo peregrino em um mundo que não tem nada para nos oferecer. É dessa mesma maneira que nós devemos aprender a conhecê-lo, quando até mesmo aqueles que confessam Seu nome se levantam contra Sua autoridade como o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão (Hb 3:1). Pois nós encontramos o antítipo dessa verdade na revolta de Coré, Datã e Abirão, quando rejeitaram a palavra e o sacerdócio de Cristo, o qual foi manifestado na história da igreja sobre a terra. De um modo muito frequente, a autoridade da Palavra de Deus tem sido atacada e até mesmo substituída pela autoridade das tradições humanas. E a exclusividade do sacerdócio de Cristo tem sido posta de lado pelo sacerdócio humano que imagina que pode servir como mediador entre Deus e o homem. Diante dessa situação de desmazelo nós precisamos nos colocar sob a autoridade de Cristo como o verdadeiro Moisés e o verdadeiro Arão. Somente Sua Palavra possui autoridade divina e somente Seu sacerdócio é reconhecido por Deus como capaz de ressuscitar aqueles que estão mortos.

O próximo incidente durante a jornada através do deserto no qual a arca tem papel proeminente pode ser encontrado em Números 31 (esse capítulo pertence à terceira divisão do livro: Números 26-36, que foram escritos quando o povo estava contemplando a terra prometida). Depois de Balaão ter abençoado o povo de Israel, ele deu a Balaque o astuto conselho de levar o povo de Israel a transgredir tentando-o com a participação em refeições pagãs e comendo alimentos sacrificados aos ídolos. Essas refeições também envolviam a prática de relações sexuais ilícitas (Nm 25; 31:16; Ap 2:14). Depois disso não haveria nenhuma necessidade de Balaque continuar se preocupando com Israel como uma força hostil. Essa trama, realmente, foi bem sucedida, mas não de forma completa graças a resoluta ação de Finéias, neto de Arão. Em Números 31 Finéias foi destacado para comandar uma

expedição contra os midianitas. No versículo 6 desse capítulo, nós lemos que Finéias tinha: “os vasos do santuário e as trombetas do alarido na sua mão”. Essa expressão “vasos do santuário”, geralmente se refere aos vasos necessários para o serviço do tabernáculo, mas também é usada para se referir aos santos objetos em si mesmos (os “vasos do SENHOR” – Is 52:11). Então, é muito possível que a arca tenha ido com eles nessa expedição, como aconteceu em outras ocasiões descritas no Antigo Testamento. As trombetas do alarido que são mencionadas em Números 31, também podem ser encontradas, geralmente, numa combinação com a menção da arca (Nm 10; Js 6; 1Cr 15:24; 16:6). E, como o Próprio Deus os acompanhava, Finéias alcançou completa vitória sobre os inimigos.

Qual deve ser a mensagem desses fatos para nós? No curso de sua história a igreja também, tem se misturado com o mundo e o resultado tem sido fornicção (cf. Ap 2:14 já mencionado junto com Ap 17 e 18). O mal só pode ser combatido se o Próprio Cristo nos acompanhar e se dermos ouvidos ao soar de Sua Palavra.

Consequentemente, todos os incidentes que encontramos no livro de Números³ nos quais a arca aparece, servem para nos ensinar alguma coisa. Se Deus está conosco, nós podemos ir para a guerra. Se Ele fica no acampamento, nós devemos permanecer quietos aguardando diante de Sua presença. Sem a arca Israel não poderia avançar através do deserto e tomar posse da terra prometida. Sem Cristo nós não temos condições de enfrentar os esquemas do diabo do mesmo modo que somos incapazes de andar de modo a honrar o Senhor e tomar posse de nossa herança celestial, se dependermos, exclusivamente, de nossas próprias forças. Essas coisas só podem ser realizadas no tempo do Senhor e da forma que o Senhor deseja, como nós esperamos poder demonstrar em seguida, em nossa análise do livro de Josué.

³ Em Deuteronômio a arca é mencionada diversas vezes, mas não é necessário lidarmos com essas passagens de modo detalhado. Já nos referimos a Deuteronômio 10 quando falamos acerca da construção da arca. A mesma é mencionada mais uma vez apenas no capítulo 31, onde vemos que o livro da lei de Moisés foi colocado ao lado da arca da aliança, para que pudesse permanecer ali como uma testemunha contra o povo de Israel (v.26). De igual modo, o Senhor está observando se nós somos ou não, obedientes à Sua Palavra.

Capítulo 3

DO MONTE SINAI ATÉ SILÓ

PARTE 2

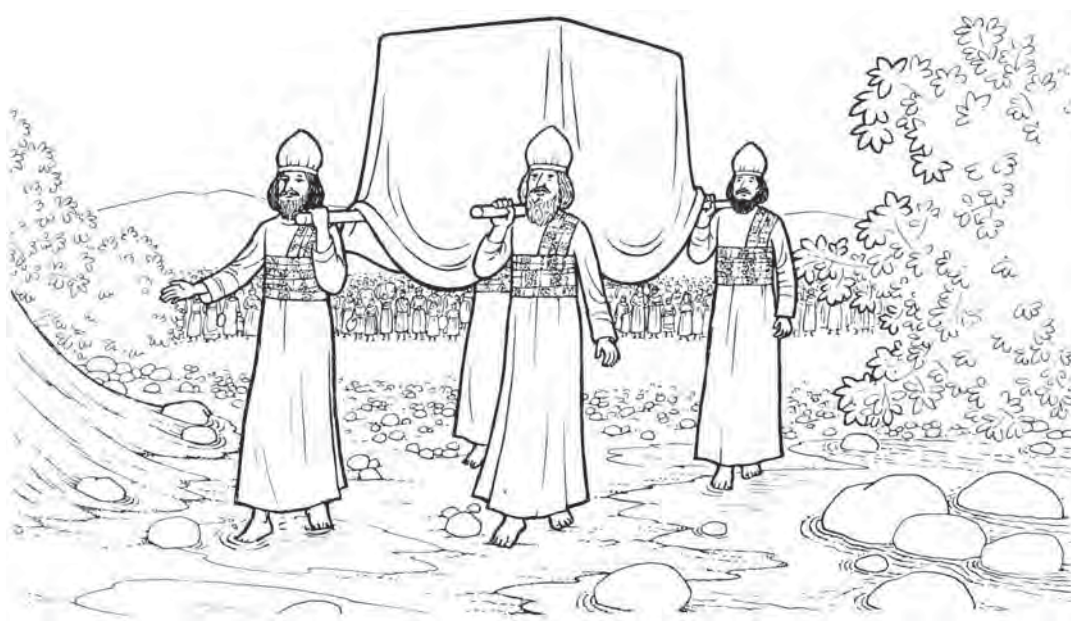
ATRAVESSANDO O RIO JORDÃO

Depois da jornada através do deserto, chegamos agora ao segundo estágio da peregrinação da arca: trata-se da sua entrada na terra de Canaã e da colocação da mesma no santuário em Siló, que foi o primeiro local de descanso permanente na terra prometida. Porém, antes que o povo pudesse entrar na terra, eles tiveram que enfrentar um grande obstáculo. O Rio Jordão bloqueava a entrada na terra como lemos em Josué 3:15, pois naqueles dias o “Jordão transbordava sobre todas as suas ribanceiras”. Desse modo, entre o povo e a terra que Deus lhes havia prometido existia uma grande barreira. De que maneira deveriam proceder para cruzar aquela barreira?

Havia apenas *uma* resposta para aquele problema. Eles precisavam confiar em Deus. O SENHOR havia dividido as águas do Mar Vermelho de tal maneira que o povo pode atravessá-lo, e ao fazer isso eles foram libertados para sempre da terra da escravidão. Agora outra vez, Deus estava pronto para mostrar Seu poder e preparar um caminho através das águas do Jordão, para conduzir o povo de Israel para dentro da terra que Ele lhes tinha prometido: uma terra onde fluía leite e mel. E Deus iria fazer isso através do uso da arca! Quando eles cruzaram o Mar Vermelho, a vara de Moisés (a vara do julgamento que havia trazido as pragas sobre o Egito) foi usada para dividir as águas, mas para cruzar o Jordão a arca de Deus foi usada. Quando os pés daqueles que transportavam a arca se molharam na beira do Rio do Jordão, imediatamente as águas do mesmo pararam de correr e o povo de Deus pode

atravessar o leito do rio como numa terra seca, passando ao lado da arca, que foi mantida dentro do leito do rio, e assim estabelecendo-se na herança pela qual haviam ansiado por tanto tempo.

Assim, quando o Jordão foi atravessado, a arca ocupava o local central. Todos os olhos estavam voltados para ela. Quando a arca se movia o povo deveria se mover também e segui-la: “Quando virdes a arca do concerto do SENHOR, vosso Deus, e que os sacerdotes levitas a levam, parti vós também do vosso lugar e segui-a. Haja, contudo, distância entre vós e ela, como da medida de dois mil côvados; e não vos chegueis a ela, para que saibais o caminho pelo qual haveis de ir; porquanto por este caminho nunca passastes antes. Disse Josué também ao povo: Santificai-vos, porque amanhã fará o SENHOR maravilhas no meio de vós” (Js 3:3-5).



As águas do Jordão foram divididas diante da arca do poder de Deus. O salmista se refere a esse evento da seguinte maneira: “Que tiveste.....ó Jordão, que tornaste atrás?.....Treme, terra, na presença do SENHOR” (Sl 114:5-7).

Cristo experimentou a morte e venceu a mesma. Porque Jesus nos abriu um caminho através do rio da morte, agora existe uma passagem segura para nós.

O povo então seguiu a arca ao longo do caminho mantendo uma distância respeitosa. Assim que os pés dos sacerdotes que carregavam a arca tocaram as águas do Jordão, as mesmas foram divididas de tal maneira que, abriu-se um caminho firme para o povo de Deus. O povo atravessa o leito do

rio, passando pela arca que se encontrava no meio do mesmo. Eles estavam profundamente conscientes que era por meio da arca que a entrada na terra prometida tinha sido aberta para o povo de Israel. Pois é a arca do SENHOR, do ETERNO que ajuda o povo a se lembrar da aliança feita com Deus que é também “o SENHOR de toda a terra”, isto é, o Mestre (Adonai), o qual está agora a ponto de fazer com que Seu povo tome posse da herança prometida (Js 3:13).

O texto repete diversas vezes que o milagre da travessia do rio é devido à presença da arca. Dois memoriais são erguidos: um deles no meio do rio para marcar o local onde os sacerdotes que transportavam a arca permaneceram, e o outro no acampamento em Gilgal, de tal maneira que as futuras gerações pudessem aprender: “Então lhes direis que as águas do Jordão se separaram *diante da arca da aliança do SENHOR*” (Js 4:7). E no versículo 18 desse mesmo capítulo nós lemos que o Jordão voltou ao seu curso tão logo os sacerdotes que levavam a arca saíram de dentro do leito do rio.

Para nós tudo isso representa uma figura marcante através da qual nós podemos ver a arca como um tipo de Cristo e o Jordão como um tipo do rio da morte. A morte é o horizonte da nossa existência aqui sobre a terra. Nenhum homem pode cruzar esse limite a favor de outro, visando capacitá-lo alcançar o lar celestial em segurança. Isso só pode ser feito por Aquele que tem autoridade de “dar Sua vida e depois tomá-la de volta” (Jo 10:18). Porque Jesus abriu um caminho seguro através do rio da morte, aqueles que lhe pertencem podem segui-lo em Seus passos, mantendo uma distância respeitosa (João 13:36). Enquanto o êxodo do Egito nos fala de nossa libertação dessa geração perversa, a entrada de Israel na terra de Canaã é um tipo de termos sido trazidos para dentro da nossa herança celestial. Tanto o Mar Vermelho quanto o Rio Jordão nos falam, de modo tipológico, acerca da morte de Cristo. Ao cruzar o Mar Vermelho notamos o aspecto do julgamento nele envolvido: a morte de Cristo é necessária para nos resgatar do mundo que se encontra sob a ira de Deus, e do domínio do príncipe deste mundo. Mas a travessia do Jordão trata de uma questão do conselho gracioso de Deus: visando colocar um povo celestial diante de Si mesmo, Ele tinha que levá-los dentre os mortos com Cristo e fazê-los assentar com Ele nas regiões celestiais.

A primeira verdade do que estamos afirmando é encontrada, de modo especial, na Epístola aos Romanos. Nós fomos batizados na morte de Jesus Cristo (Rm 6), e com isso nos colocamos sob a autoridade do Senhor ressurreto (do mesmo modo que os israelitas foram batizados em Moisés “na nuvem e

no mar” — 1Co 10:2. Dessa maneira nós não estamos mais sob o domínio do príncipe deste mundo, mas devemos andar em novidade de vida.

Nós somos um povo peregrino e estamos nos dirigindo para a terra prometida, sendo guiados por nosso Líder, o Autor da nossa fé. Para nós o mundo foi transformado em um deserto, onde Deus supre, de forma maravilhosa, comida e bebida para nós. No meio de uma criação que geme nós olhamos com expectativa para a finalização completa da nossa salvação (Rm 8).

A segunda verdade (da travessia do Jordão) pode ser especialmente encontrada nas Epístolas de Efésios e Colossenses. Deus queria ter pessoas com Ele no céu e por esse motivo Cristo preparou um caminho *através* da Sua morte. Jesus obteve uma passagem segura para todo o povo de Deus, que pode alcançar o outro lado do rio da morte apenas porque estão intimamente vinculados com Jesus — da mesma forma como Israel devia sua entrada na terra de Canaã apenas à presença da arca em seu meio. Pois nós fomos ressuscitados com Cristo e nos assentamos nos lugares celestiais (Ef 2:6). O tipo do Antigo Testamento nos mostra essa verdade de um ponto de vista prático. Desse ponto de vista, a travessia do Jordão e a passagem ao lado da arca que se encontrava no meio do rio significam que, pela fé, nós entendemos que morremos *com* Cristo, mas que temos sido levantados dentre os mortos e agora nossos pés estão plantados na herança celestial que nos foi outorgada em Cristo. Uma “terra” cheia de bênçãos está acessível a nós. Nós somos chamados a buscar e colocar nossas mentes *nas coisas que são de cima*, onde Cristo está assentado à destra de Deus (Cl 3:1-2). A tomada de posse da terra de Canaã é uma bela ilustração dessa verdade. Do mesmo modo como Israel tinha que conquistar a terra de seus inimigos, nós também precisamos vencer os poderes malignos que habitam as regiões celestiais, que tentam nos negar a alegria das bênçãos celestiais e espirituais que são nossas em Cristo (Ef 6).

Consequentemente, o cristão não tem que esperar pela morte para alcançar a terra prometida. Pelo contrário, ele já coloca seus pés na terra prometida quando, pela fé, ele se identifica com Cristo e entende que em Cristo ele está *agora* mesmo ocupando sua posição nos lugares celestiais, de tal maneira que ele pode firmar seus pés naquele território onde fluem bênçãos eternas que Deus propôs derramar sobre Seus escolhidos, no tempo presente. Ali Cristo encontra-se diante de Deus e Ele é nossa cabeça e nosso representante: Em Cristo nós também nos encontramos diante de Deus, nos lugares celestiais onde somos sobrecarregados com bênçãos.

Quanto à nossa caminhada sobre a terra, entretanto, nós ainda nos encontramos no deserto. O sangue da verdadeira páscoa (1Co 5:7) nos protege

contra a ira de Deus, e pela morte de Cristo nós temos sido libertados também do poder do pecado e de Satanás. Isso é demonstrado no tipo representado pelo Mar Vermelho. Da mesma forma como o mar separou um povo liberto dos egípcios, a morte de Cristo separa os redimidos do Senhor do mundo que se encontra sob o domínio do príncipe das trevas. Essa nova vida precisa de carne e bebida espiritual, e Deus supre essa necessidade de uma forma maravilhosa (cf. 1Co 10:3-4).

Assim sendo, nós precisamos dos dois tipos — do Mar Vermelho, bem como do Rio Jordão — porque os mesmos lançam luz sobre a consequência da morte de Cristo partindo de diferentes ângulos. O Mar Vermelho nos coloca no “deserto”, enquanto o Jordão nos coloca na “terra prometida”. Esses dois locais produzem experiências específicas. O cristão está familiarizado com experiências típicas do “deserto” bem como com experiências típicas da “terra”. No Mar Vermelho nós somos libertados através da vara de Moisés — o símbolo do julgamento e da autoridade divina sobre o mundo — um tipo da Pessoa de Cristo em Sua divindade e humanidade. Se seguirmos pela fé nos passos de Cristo e entendermos que temos sido unidos com ele, o qual a nosso favor desceu às profundezas da morte, nós seremos capazes de ver que Ele nos abriu uma entrada para a terra, a qual, em termos espirituais, flui com leite e mel. A partir daí podemos entender que apenas essa Pessoa divina — o Filho encarnado de Deus — pode trazer um povo de filhos redimidos entre os homens para desfrutarem das bênçãos celestiais. Nossos corações então, serão encheidos com uma atitude de verdadeira adoração por Jesus!

A CONQUISTA DE JERICÓ

O próximo incidente no livro de Josué no qual a arca tem uma participação importante é a conquista de Jericó. Tendo cruzado o Jordão, o povo se acampou em Gilgal, perto de Jericó (Js 4:19; 5:10). A cidade de Jericó é a fortaleza do inimigo que agora nega aos israelitas entrada ao restante da terra prometida. Se a poderosa Jericó cair, eles poderão marchar de modo livre.

Usando medidas humanas, a batalha de Israel contra Jericó é mesmo uma leitura estranha, começando com a preparação registrada em Josué 5. Em primeiro lugar, os filhos de Israel tiveram que ser circuncidados. Esse é o sinal de nossa fraqueza e do nosso abandono da nossa confiança em qualquer coisa que se origine na carne. Em Gilgal a humilhação do Egito é removida de

sobre os israelitas (Js 5:9). A carne incircuncisa era uma lembrança do estado anterior de escravidão. A Epístola aos Colossenses nos oferece o paralelo neo testamentário dessa realidade quando nos fala acerca de termos sido circuncidados em Cristo (Cl 2:11), e acerca da necessidade resultante de considerar, para todos os efeitos práticos, os membros do nosso corpo terreno como se estivessem *mortos* (Cl 3:5).

A segunda preparação tem a ver com a celebração da páscoa, a festa que comemorava a libertação do Egito. Pouco importa em que circunstâncias nos encontramos: seja no meio de provações no deserto (cf. Nm 9), ou em circunstâncias nas quais nos regozijamos em desfrutar as bênçãos celestiais à medida que nos preparamos para tomar posse definitiva delas. Em meio a todas as circunstâncias a lembrança do Cristo que morreu por nós deve *sempre* estar viva em nossas mentes. Por outro lado, nós também devemos nos alimentar nele como o Senhor ressuscitado e glorificado no céu. Nesse contexto, Jesus é tipificado pela comida de Canaã (o maná — que era a comida do deserto — parou de cair depois que os israelitas comeram alguns dos frutos que colheram na terra prometida — Jo 5:11-12).

Tendo sido fortalecidos *desta* maneira nós podemos nos preparar para a batalha. Nós temos um Príncipe poderoso nos guiando, mas temos que estar profundamente conscientes de Sua santidade: “venho agora como príncipe do exército do SENHOR... Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo” (Js 5:14-15). Esse Príncipe vai adiante de nós, e, de fato, Ele é Aquele que conquista a vitória como fica demonstrado, de forma impressionante, no próximo capítulo de Josué. Pois de acordo com Josué 6 a queda de Jericó é fruto da presença e obra da arca do SENHOR, isto é, da presença do SENHOR. A única coisa que o povo armado tinha que fazer era marchar ao redor da cidade em silêncio durante seis dias consecutivos. No sétimo dia, entretanto, essa marcha silenciosa deveria circundar a cidade sete vezes, com a arca da aliança localizada no meio do povo. O único som que deveria ser ouvido era dos “*shofares*”⁴. O povo deveria manter-se em silêncio até completar a *última* volta ao redor da cidade naquele *último* dia. Pois o SENHOR iria batalhar por eles e o povo deveria manter-se em silêncio. Somente naquele último e grande dia, tendo marchado ao redor da cidade por sete vezes, eles poderiam levantar um brado de alegria — entendendo que deviam a vitória alcançada não a si mesmos, mas apenas ao SENHOR. Depois, ao som

⁴ Nota do Tradutor: O shofar equivale ao nosso berrante brasileiro, sendo feito de chifres de carneiro. O mesmo existe em dois tamanhos: um curto e outro mais longo.

das trombetas e dos gritos de júbilo do povo, as muralhas de Jericó foram arrasadas, deixando aquela que uma vez fora uma fortaleza impenetrável, aberta diante do povo de Deus.

Obviamente, o significado desse evento para nós é: Cristo — e Cristo *apenas* — quebrou o poder do príncipe do mal. Graças ao triunfo de Cristo, Satanás é um inimigo derrotado (ver por exemplo: Jo 12:31; 16:11; At 2:24; Ef 4:8-10; Cl 2:15; 2Tm 1:10; Hb 2:14-15; Ap 12:11). Assim, não precisamos mais temer o poder do príncipe desse mundo — representado em tipo pela fortaleza de Jericó que estava no caminho de entrada do povo para o descanso da terra prometida. Esse poder foi aniquilado por Cristo, por Sua humilhação na cruz, por Sua ressurreição dentre os mortos e por Sua ascensão triunfal. Os lugares celestiais com todas as suas riquezas estão abertos diante de nós e nós podemos marchar para dentro deles com toda liberdade. Nós podemos até mesmo dedicar ao serviço do Senhor todos aqueles tesouros que se encontravam em poder do príncipe deste mundo — do mesmo modo como o despojo de Jericó foi consagrado para o serviço do SENHOR.

Todavia, nós ainda devemos temer as *ciladas* do diabo. Nós não devemos nos sentir intimidados por seu *poder*, mas nós devemos nos armar contra suas *ciladas*, como somos instruídos a fazer em Efésios 6:11 que diz: “ revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo”. Para alcançarmos esse objetivo nós precisamos da armadura de Deus em vez de armaduras humanas, de fato, nós precisamos de toda armadura de Deus (Ef. 6:13-18).

Vamos retornar agora ao livro de Josué onde encontramos uma clara confirmação desse princípio nos capítulos que seguem a queda de Jericó. Acã cedeu à cilada do diabo e tomou para si alguns objetos proibidos: uma boa capa babilônica, duzentos ciclos de prata e uma cunha de ouro, do peso de cinquenta siclos. Em suas próprias palavras: “cobicei-os e tomei-os” (Js 7:21). Esse é o ardiloso trabalho do príncipe desse mundo que visa estimular e motivar a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (1Jo 2:16).

A outra cilada é a autoconfiança. Depois da queda da poderosa Jericó, os israelitas estavam muito autoconfiantes e acreditavam que tomariam com facilidade a cidade bem menor de Ai. Aparentemente, o SENHOR não foi consultado ou pelo menos, não lemos nada acerca disso em Josué 7. Somente após a derrota dos israelitas é que lemos que Josué caiu com seu rosto em terra “perante a arca do SENHOR” (Js 7:6). Então o SENHOR revelou a mentira de Acã e seu ato de desobediência é julgado.

Depois, nós lemos acerca do truque praticado pelos gibeonitas que conseguiram enganar Josué e os anciões de Israel porque eles “não pediram conselho ao SENHOR” (Js 9:14). Essa é a cilada de agir independente de Deus e fazer amizade com os inimigos do Senhor. Portanto, nós precisamos estar preparados contra todos esses ardis do diabo, mesmo enquanto nos regozijamos na completa vitória que Cristo alcançou a nosso favor, por meio da qual nós temos acesso a toda sorte de bênçãos espirituais, que Deus tem preparado para nós.

A ARCA DESCANSA EM SILÓ

Após a conquista de Jericó e a destruição de Ai, Josué e o povo marcharam em direção a Siquém para cumprir a ordem dada por Moisés muito tempo antes (Js 8:30-35; cf. Dt 11:29-32; 27:1-26). Os mandamentos de Moisés consistiam de três partes:

— Levantar grandes pedras no monte Ebal e escrever nelas a lei de Moisés;

— Construir um altar e oferecer uma oferta queimada e ofertas de sacrifícios pacíficos e fazer uma refeição comunitária naquele local;

— Ler a bênção e a maldição, no monte Gerezim e Ebal respectivamente.

É durante essa ocasião solene que a arca da aliança é mencionada outra vez, pela última vez no livro de Josué: “E todo o Israel, com os seus anciãos, e os seus príncipes, e os seus juízes estavam de uma e outra banda da arca, perante os sacerdotes levitas, que levavam a arca do concerto do SENHOR” (Js 8:33). Aqui, novamente, a arca ocupa um lugar central no meio do povo de Deus. Alguém poderia dizer que é o testemunho divino da leitura da lei e o amém, pelo qual o povo outra vez confirma seu compromisso com as palavras da lei (pelas quais como consequência, que o povo também se coloca sob a maldição da lei – Dt 27:13-26; Gl 3:10-13).

Felizmente, nós estamos agora vivendo na dispensação da graça e não estamos mais sob a lei, mas sob a *graça* (Rm 6:14). Mas mesmo *agora* essa verdade ainda se aplica, uma vez que existe uma testemunha divina em nosso meio que nos observa se estamos ou não obedecendo Sua Palavra. É fato que, todos os que são de Cristo foram libertados da maldição eterna e foram colocados, pela graça de Deus, numa posição de bênção e favor — esse

é o *conselho* de Deus que tem sido revelado, o qual ninguém pode anular. Mas em nossa caminhada sobre a terra, como filhos de Deus, continuamos como criaturas responsáveis que estão sujeitas à justa soberania de Deus. Esse aspecto tem a ver com o *caminho* de Deus, e nós não devemos perder de vista essa realidade.

Agora retornemos para a história adicional acerca da arca. Por aqueles dias o acampamento dos israelitas permaneceu em Gilgal e assim aquele local se tornou a primeira parada da arca na terra prometida. Tal situação permaneceu até que a maior parte da terra foi subjugada, de tal maneira, que não havia mais nenhuma razão para não estabelecer um santuário na parte mais central da terra. Foi desse modo que a tenda da congregação foi montada em Siló (a arca em si mesma não é mencionada por nome de agora em diante no livro de Josué. A mesma volta a ser mencionada uma única vez no livro de Juízes) e ali ela permanece até os dias do profeta Samuel. Consequentemente, Siló substitui Gilgal como o local de encontro dos israelitas; foi ali também que Josué providenciou, entre outras coisas, o restante da divisão da terra entre as tribos de Israel (Js 18-22). É aqui também que a arca encontra seu primeiro local de descanso permanente em Canaã (como esperamos ver mais adiante, o próximo local é o Monte Sião, onde, no templo de Salomão, a arca encontra seu local de repouso definitivo).

Siló estava situada na região montanhosa de Efraim, ao norte de Betel (Jz 21:19). O nome *Siló* provavelmente significa “descanso” ou “aquele que traz paz, ou prosperidade”. Nas bênçãos do patriarca Jacó, a mesma ocorre como nome de uma pessoa, que deve ser entendido, obviamente, como uma referência ao Messias: “O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos” (Gn 49:10). Judá é a tribo da realeza. Em 1 Crônicas 5:2 nós lemos que Judá prevaleceu sobre seus irmãos pelo fato do líder, nominalmente, o rei Davi, ter procedido dessa tribo. Mas a profecia de Jacó vai, além disso. Ela alude ao grande Filho de Davi, que de acordo com a carne também procedeu de Judá. É a Ele que as nações prestarão obediência (na dispensação atual pela obediência da fé, e na eternidade, no reino de paz, no sentido literal dessa palavra). Seu governo traz verdadeiro descanso e verdadeira paz.

Dessa forma, Siló está vinculada com descanso, um estado de estabilidade no país. Entretanto, a sequência da história de Israel nos mostra que eles tinham um longo caminho a percorrer até alcançar esse propósito; uma era de verdadeira paz e descanso não surgiu até os reinos de Davi e Salomão. Falando de modo geral, o período dos Juízes é muito turbulento, durante o qual Israel,

mais de uma vez, se desviou para adotar práticas de idolatria e imoralidade. Essa adoração de ídolos é descrita como a contrapartida da verdadeira adoração a Deus que acontecia na casa de Deus em Siló (Jz 18:31).

É algo que realmente chama a nossa atenção, que durante esse período, a arca é mencionada apenas uma vez, e isso em Juízes 20:27. Na vida do povo a arca não ocupava mais o lugar central ao qual tinha direito. O povo não tinha nenhuma preocupação com isso, como diz Davi referindo-se a essa situação nos dias de Saul (1Cr 13:3). Isso também é verdadeiro para nós, se nossa atenção não estiver focalizada apenas em Cristo, nós também poderemos cair na prática das piores perversões.

Em Juízes 20 ainda encontramos outra lição importante para nós aprendermos acerca do papel da arca: ela não somente conduz o povo de Deus na batalha contra os inimigos vindos de fora, mas também tem o mesmo papel contra os homens perversos que se levantam no meio do povo e que precisam ser expulsos dali (cf. Dt 17:7, 12; 19:19; 21:21; 1Co 5:13). De modo semelhante nós não temos nenhuma outra autoridade mais elevada do que o próprio Cristo, com o qual devemos nos aconselhar acerca de qualquer conflito que se levante contra nós. Isso é especialmente verdadeiro quando envolve a luta contra um inimigo que surge de *dentro*. Nesses casos, nós temos que assumir uma posição de séria humilhação e são necessárias lágrimas diante do Senhor, bem como a consciência que estamos lidando com uma controvérsia entre *irmãos* (Jz 20:26-28).

Chegamos agora aos dias de Samuel, o profeta que se encontra no final do período dos Juízes e no início da era dos reis. Nos dias de Samuel ainda encontramos uma adoração estabelecida em Siló. Diante disso, podemos razoavelmente assumir que a arca permaneceu ali algumas centenas de anos (dos dias de Josué e através de todo o período dos Juízes). É verdade que em Juízes 20 Betel é mencionada como a localização onde a arca se encontrava, mas isso era uma situação temporária devido a algumas circunstâncias de guerra⁵. De acordo com Juízes 21 o acampamento dos israelitas permaneceu em Siló, de tal maneira que, no primeiro capítulo de 1 Samuel, esse é o centro espiritual do povo e o local de descanso da arca — até que a mesma é capturada pelos filisteus.

⁵ De acordo com alguns estudiosos, a vinda do anjo do SENHOR de Gilgal até Boquim (Jz 2:1-5), também é considerada como a jornada da arca. Eles identificam Boquim com Betel, a qual é também mencionada em Juízes 20:27, como um local (temporário?) de descanso da arca. E em Juízes 21:2 como um local de lamentação. De qualquer maneira, Boquim [= (a) lamentação] nos fala da *humilhação* diante de Deus.

Capítulo 4

DE SILÓ ATÉ O MONTE SIÃO

SAMUEL E A ARCA

Samuel viveu na época que marca uma virada na história de Israel. Ele viveu através da transição do período dos juízes para a era dos reis, e estava bastante envolvido em todo esse processo. De fato, Samuel é o vínculo que une essas duas eras. Ele é o último dos juízes e ao mesmo tempo é o profeta que unge o *primeiro* rei, o qual através desse ato confirma a nomeação do mesmo.

Nos dias dos juízes cada um fazia o que achava certo aos seus próprios olhos. Naqueles dias não havia rei em Israel. Não havia ninguém para colocar as coisas em ordem entre o próprio povo, fortalecendo assim o mesmo contra os inimigos ao redor. Foi apenas a graça de Deus que vez após vez, enviou um libertador quando os israelitas clamaram ao SENHOR e se voltaram da idolatria que praticavam. O sacerdócio, esse elo importante entre Deus e o povo também havia fracassado. Os primeiros capítulos de 1 Samuel nos mostram quão sério era esse desleixo, de tal maneira que o sacerdócio e o serviço no tabernáculo se tornaram motivo de zombaria. Foi aí que Deus entrou em ação. Ele enviou um profeta, Samuel. De um lado, Samuel tinha que anunciar o julgamento sobre aquela situação que Deus não podia tolerar mais. Por outro lado, ele tinha que se tornar o pioneiro de um novo regime. Samuel é aquele que anuncia tanto o julgamento sobre a casa de Eli como a introdução do reino (primeiro o de Saul, o rei segundo a carne, e depois o de Davi, o homem segundo o coração de Deus).

Samuel é considerado como o primeiro dos profetas (cf. Atos 3:24). Isso não quer dizer que não tenham existido profetas antes dele. Moisés é

chamado de profeta, e sua irmã Miriam de profetiza (Dt 18:15; Êx 15:20). Até mesmo o próprio Abraão era um profeta (Gn 20:7). Então essa ideia não era desconhecida em si mesma. O mesmo também é verdadeiro com respeito à ideia do reino (ver Dt 17; 33:5; Jz 8-9; 1Sm 8). Entretanto, com o aparecimento de Samuel essas ideias começaram a se cristalizarem como instituições permanentes em Israel.

Começando naqueles primeiros dias, a vida de Samuel foi separada para o serviço do SENHOR. Sua mãe Ana havia pedido ao SENHOR um filho, o qual ela prometeu consagrá-lo ao serviço de Deus. No meio de todo o mal que o cercava, o jovem Samuel servia diante de Deus enquanto “crescia diante do SENHOR” (1Sm 2:18, 21). De repente, chega o momento quando Samuel é chamado para o serviço que o SENHOR tinha para ele. Samuel ouve a voz de Deus, se dirigindo a Ele vinda por cima da arca, o símbolo da presença de Deus (1Sm 3:3-10). O SENHOR não havia falado por um longo período de tempo. Qualquer palavra vinda da parte de Deus era muito rara naqueles dias. Isso era resultado direto daquele estado de decadência e de escuridão espiritual e moral. Israel estava mergulhado em trevas, em sentido literal, bem como figurativo. Então, de repente, a voz de Deus é ouvida chamando: Samuel, Samuel! Essa foi a primeira vez que Samuel ouviu a voz de Deus, apesar dele estar vivendo perto do SENHOR e tivesse crescido em Sua presença. Mas agora, finalmente, havia chegado o momento para ele assumir sua tarefa como um profeta e como aquele que anuncia uma nova era, um novo dia na história do povo de Deus. Assim que Deus fala, Samuel imediatamente se coloca a disposição do SENHOR.

No chamado de Samuel existem importantes lições práticas para nós, as quais são particularmente cruciais para os *novos* crentes. Nós também estamos vivendo em um tempo de grande decadência moral, quando o julgamento precisa começar com a casa de Deus. No entanto, no meio de todo o mal que nos cerca, ainda existe a possibilidade de crescer “diante do SENHOR”, como nos é dito, de modo tão maravilhoso, acerca de Samuel. Ele estava vivendo na presença de Deus continuamente e até dormia no templo (ao redor da tenda da aliança, ao que parece, uma casa mais permanente com portas havia sido construída – cf. 1Sm 1:9; 2:22; 3:3,15). Ali ele estava próximo da arca, que era o tipo de Cristo.

Que privilégio poder viver na presença de Deus e tendo Deus falando conosco pessoalmente. Ele terá uma mensagem para nós, tanto de tristeza

quanto de alegria. De tristeza, porque Deus irá deixar de lado o testemunho que Ele tem agora sobre a terra, assim como aconteceu com Seu lugar de habitação em Siló. Mas também trará uma mensagem de alegria, porque Deus irá apresentar a perspectiva da vinda de Seu ungido, Seu Cristo, o qual colocará todas as coisas em ordem e cujo reino trará paz e descanso (cf. Sl 78:56-72). Talvez nós achemos difícil levar adiante a mensagem do juízo vindouro para outros, da mesma maneira que Samuel estava relutante em informar Eli sobre a visão que tivera. Todavia, esses são fatos estabelecidos. Deus tem sido longânimo com Sua fraca igreja e é chegado o momento quando a mesma não será mais Sua testemunha na terra. Deus irá julgar a igreja infiel, levará para o céu aqueles que realmente pertencem a Ele e então retomará Seu trabalho com o povo de Israel. Depois disso, Cristo irá aparecer em esplendor e majestade, junto com Sua noiva celestial, com objetivo de estabelecer Seu domínio aqui na terra e reinar como Príncipe da Paz.

A ARCA É TOMADA PELOS FILISTEUS

Depois que Samuel foi chamado por Deus e mais tarde reconhecido como um profeta por todo o Israel, podemos ver como 1 Samuel continua narrando a execução do julgamento que Deus havia anunciado através do Seu profeta. Muita ênfase é colocada no que acontece com a arca de Deus — indicando a importância dessa questão. É uma história interessante que nos mostra claramente a forma como Deus mantém Seus direitos tanto com relação a Seu próprio povo, como em relação aos Seus inimigos.

A questão fundamental desses capítulos é apresentada de forma lacônica por Azarias, um dos profetas posteriores no reino de Judá, que diz o seguinte ao rei Asa: “Ouvi-me, Asa, e todo o Judá, e Benjamim: O SENHOR está convosco, enquanto vós estais com ele, e, se o buscardes, o achareis; porém, se o deixardes, vos deixará” (2Cr 15:2). Deus estava com Israel enquanto esse caminhava nos caminhos de Deus. Mas Deus não podia acompanhar Seu povo quando esse virava-lhe as costas e se desviava. Israel se orgulhava dos privilégios que havia recebido de Deus, de modo particular, do fato da presença de Deus no meio de Seu povo. Foi exatamente isso que eles estavam reivindicando quando usaram a arca da aliança como um tipo de amuleto contra o inimigo. Mas isso de nada adiantou. Os israelitas estavam lutando e perdendo a batalha. Eles haviam se esquecido de Deus, e o SENHOR tinha

agora que se afastar deles. A glória de Deus estava a ponto de esquecer Seu povo porque o mesmo havia se esquecido de *Deus*.

De fato, tanto os israelitas quanto os filisteus cometem o mesmo erro, ao pensar que a presença do próprio Deus estava, indissolivelmente ligada, ao *sinal* da mesma. Isto é, que a presença de Deus é a própria arca por meio da qual o SENHOR havia demonstrado Sua presença. Isso pode ser visto no fato dos israelitas, quando sofreram sua primeira derrota mandarem buscar a arca que se encontrava em Siló, com o objetivo de reafirmarem para si mesmos a certeza da vitória por meio dela. “E, tornando o povo ao arraial, disseram os anciãos de Israel: Por que nos feriu o SENHOR, hoje, diante dos filisteus? Tragamos de Siló a arca do concerto do SENHOR, e venha no meio de nós, para que nos livre da mão de nossos inimigos. Enviou, pois, o povo a Siló, e trouxeram de lá a arca do concerto do SENHOR dos Exércitos, que habita entre os querubins; e os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, estavam ali com a arca do concerto de Deus. E sucedeu que, vindo a arca do concerto do SENHOR ao arraial, todo o Israel jubilou com grande júbilo, até que a terra estremeceu. E os filisteus, ouvindo a voz do júbilo, disseram: Que voz de tão grande júbilo é esta no arraial dos hebreus? Então, souberam que a arca do SENHOR era vinda ao arraial. Pelo que os filisteus se atemorizaram, porque diziam: Deus veio ao arraial. E diziam mais: Ai de nós! Que tal nunca sucedeu antes. Ai de nós! Quem nos livrará da mão destes grandiosos deuses? Estes são os deuses que feriram os egípcios com todas as pragas junto ao deserto. Esforçai-vos e sede homens, ó filisteus, para que, porventura, não venhais a servir aos hebreus, como eles serviram a vós; sede, pois, homens e pelejai” (1Sm 4:3-9).

Dessa maneira os israelitas não demonstram o menor sinal de vergonha acerca da derrota inicial, nem se perguntam das possíveis razões para a mesma. Eles não abandonam seus ídolos como fazem em 1 Samuel 7, ato esse seguido por uma estrondosa vitória sobre os filisteus. Não, a solução deles é simples: vamos apanhar a arca, e ela irá nos ajudar a derrotar o inimigo. Mas Deus não irá permitir que Seu povo O use dessa forma! Deus nunca irá permitir que o povo O force a intervir numa determinada situação! Assim, a esperança de solução está fadada ao fracasso. Os israelitas sofrem uma esmagadora derrota e a arca de Deus é capturada pelos filisteus: “Então, pelejaram os filisteus, e Israel foi ferido; e fugiram, cada um para a sua tenda; e foi tão grande o estrago, que caíram de Israel trinta mil homens de pé. E foi tomada a arca de Deus; e os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, morreram” (1Sm 4:10-11).

Não temos nenhuma dúvida que essa derrota foi muito dolorosa para os israelitas. Eles haviam se orgulhado que Deus estava com eles, mas agora tinham que suportar a dolorosa experiência de Deus ter se esquecido deles. A arca de Deus estava perdida, e parece que o santuário em Siló foi destruído logo após esses acontecimentos (Sl 78:60). Em seus dias, o profeta Jeremias usa o abandono do tabernáculo em Siló, como uma ilustração viva para os israelitas que se orgulhavam em possuir o templo do SENHOR: “Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este!” Não, diz o profeta, as coisas não são assim. A vaidade de vocês está completamente perdida, porque a adoração que vocês prestam a Deus é apenas na aparência e vocês estão praticando todo tipo de abominações. Vocês acham que Deus vai ignorar isso? O que foi que Deus fez com Siló por causa da perversão de Seu povo? Ele permitiu que Seu santuário fosse destruído e a mesma coisa irá acontecer com esse templo (ver Jr 7:1-15; 26:4-9).

Dessa forma, nós podemos traçar um paralelo entre o abandono de Siló e a rejeição posterior de Israel, a qual assumiu um caráter ainda mais radical e marcou o início conhecido como “o tempo dos gentios” (Lc 21:24). Do mesmo modo como a arca deixou Israel, a glória de Deus nos dias de Jeremias deixou definitivamente o povo de Israel. Ezequiel foi uma testemunha da glória de Deus se retirando lentamente de Jerusalém (Ez 10–11). Felizmente aqui também encontramos uma promessa graciosa para o futuro: a glória do SENHOR irá retornar ao Seu templo no meio do povo restaurado de Israel (Ez 43), quando eles tiverem aceitado o Messias. Com respeito a esse fato nós podemos ver que a história da arca tem um significado profético também. A arca retornou para Israel e, eventualmente, foi colocada no monte Sião pelo rei Davi — um tipo de Cristo como o rei messiânico. Os reinos teocráticos de Davi e Salomão serão plenamente cumpridos no reino de paz do Senhor Jesus.

Mas existe ainda outro motivo, e esse do ponto de vista prático, porque a história da arca em 1 Samuel 4 é importante para o povo de Deus nos nossos dias. Povo esse que compõe a Assembleia que está agora sendo ajuntada por Deus e é composta tanto de judeus quanto das nações. As pessoas ainda dizem: “Deus está conosco!” Todavia, essa é uma reivindicação mal colocada, usada por pessoas apenas como uma cobertura para esconder todo tipo de iniquidade à medida que elas depreciam tanto a verdade da Palavra de Deus quanto os padrões divinos. Em tais circunstâncias Deus não pode senão se

afastar de Seu povo e permitir que o mesmo seja derrotado pelas forças de ataque do inimigo e pelas influências das filosofias humanas e das teorias da incredulidade.

Portanto, que essa história da tomada da arca possa falar aos nossos corações e consciências. E, depois disso, que nós possamos demonstrar a mesma disposição de Eli, cujo coração tremia por causa da arca de Deus (1Sm 4:13). Isso nos faz sentir simpatia por ele, apesar de todos os seus pecados. Infelizmente, seus temores tornaram-se realidade e a mensagem acerca da tomada da arca transformou-se na causa imediata de sua morte. Ainda outra morte foi causada pelos tristes eventos daquele dia: a nora de Eli entrou em trabalho de parto e veio a falecer durante o mesmo. Antes de morrer, porém, ela deu nome ao filho que lhe nasceu chamando-o de Icabode. Esse nome é uma expressão marcante do sentimento que naquele momento, sem sombra de dúvida, enchia o coração de todo israelita temente a Deus. Icabode significa: “sem honra, ou sem glória” (1Sm4:21-22). A glória divina havia desaparecido do meio de Seu povo. Que esperança, que expectativa haviam sido deixadas agora, para Israel? A presença de Deus era de crucial importância para o Seu povo. Com Deus, eles eram fortes, mas sem o SENHOR eles nada podiam fazer. A compreensão dessa realidade é algo real também em nossas vidas?

A ARCA NA TERRA DOS FILISTEUS

No entanto, Deus não julga apenas Seu povo, ele mantém Seus direitos também com respeito aos Seus inimigos. Pedro diz: “Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?” (1Pe 4:17) Se Deus pune Seu próprio povo, as nações não podem escapar impunes. Esse é um princípio que nós geralmente encontramos nos profetas do Antigo Testamento. Mas de fato, Deus sempre pune *primeiro* a iniquidade daqueles que desfrutaram os mais altos privilégios, aqueles que se encontram mais próximos do Senhor (“Serei santificado naqueles que se chegarem a mim” – Lv 10:3).

Esta mesma verdade pode ser vista na história contada em 1 Samuel. Em primeiro lugar, Israel é julgado, em seguida o julgamento cai sobre os filisteus. Primeiro o ídolo dos filisteus é abatido, em seguida o povo e a terra

deles. As cidades sofrem uma praga de tumores e a terra é atacada por uma praga de ratos. Apesar de 1 Samuel 5 citar apenas três cidades (Asdode, Gate e Ecom), fica evidente, pelo próximo capítulo, que todas as cinco cidades dos filisteus⁶ foram atingidas por esse julgamento (1Sm 6:4). As três cidades mencionadas acima mantinham uma espécie de aliança com duas outras: Ascalom e Gaza. Os soberanos dessas cidades são mencionados mais de uma vez nas Escrituras.

Talvez a narrativa mais impressionante seja a que trata da queda de Dagom, o ídolo dos filisteus (de acordo com alguns “o deus dos peixes”, de acordo com outros “o deus do milho” daquele povo; os filisteus eram de origem egípcia e haviam se estabelecido na região costeira da Palestina vindos da ilha de Creta). Tendo derrotado os israelitas, os filisteus colocaram a arca no templo de Dagom, como um troféu que eles trouxeram da batalha, e como um ato de homenagem ao seu deus, o qual (assim eles acreditavam) lhes havia concedido a vitória. Entretanto, algo curioso aconteceu: “Levantando-se, porém, de madrugada os de Asdode, no dia seguinte, eis que Dagom estava caído com o rosto em terra, diante da arca do SENHOR” (1Sm 5:3). Dessa maneira, o ídolo deles precisava submeter-se ao Deus de Israel! Isso aconteceu duas vezes, pois eles colocaram Dagom outra vez em seu lugar. Mas agora a derrota do falso deus é definitiva: “E, levantando-se de madrugada no dia seguinte, pela manhã, eis que Dagom jazia caído com o rosto em terra, diante da arca do SENHOR; *e a cabeça de Dagom e ambas as palmas das suas mãos, cortadas sobre o limiar; somente o tronco ficou a Dagom*” (1Sm 5:4).

Assim, o Deus de Israel que parecia ter permanecido imóvel enquanto Seu povo sofria uma derrota e que, permitiu que Seus inimigos tomassem a arca da Sua aliança, demonstra agora Seu grande poder e alcança uma vitória gloriosa. Nem Dagom, nem qualquer outro ídolo feito de madeira ou de pedra, são capazes de permanecer diante do Deus *vivo*. Note que os filisteus se referem ao SENHOR sempre como “o Deus de Israel”. Eles não o conhecem como o *ETERNO*, como o Deus eternamente fiel da aliança. Outra verdade extraordinária é que em 1 Samuel 4:4 Deus é chamado de “SENHOR dos Exércitos” (o *ETERNO* Sabaoth). Deus, o Príncipe dos exércitos de Israel teve que abandonar Seu povo e entregá-lo nas mãos dos seus inimigos. Mas apesar disso, Ele agora mostra Seu poder no país do próprio adversário.

⁶ Nota do Tradutor: As cinco cidade dos filisteus eram: Josué 13:3 — “Desde Sior, que está defronte do Egito, até ao limite de Ecom, para o norte, que se considera como dos cananeus; cinco príncipes dos filisteus: o de Gaza, o de Asdode, o de Asquelom, o de Gate e o de Ecom”.

Depois da mão de Deus ter pesado sobre os filisteus por sete meses, e a arca ter sido levada de um lugar para outro, porque ninguém podia suportar sua presença, uma solução tinha que ser encontrada: “Que faremos nós da arca do SENHOR? Fazei-nos saber como a tornaremos a enviar ao seu lugar” (1Sm 6:2). E a resposta dos homens sábios que os filisteus consultaram foi: “Se enviardes a arca do Deus de Israel, não a envieis vazia, porém sem falta lhe enviareis uma oferta para a expiação da culpa; então, sereis curados, e se vos fará saber por que a sua mão se não tira de vós” (1Sm 6:3). Dessa forma, eles não apenas tinham que devolver a arca que havia sido tomada, mas, além disso, eles tinham que pagar uma oferta pela culpa visando mostrar que admitiam seu pecado e que honravam o Deus de Israel.

O retorno da arca para Israel surge para discussão no próximo parágrafo. Mas antes, é importante para nós vermos o propósito profético e espiritual dessa história. Nós já tivemos a oportunidade de indicar que a permanência da arca na terra dos filisteus é uma referência profética ao tempo dos gentios que, de modo especial, no encerramento daquela época serão atingidos pelas pragas dos últimos dias. Quando o julgamento de Deus vem sobre a terra: “os moradores do mundo aprendem justiça” (Is 26:9). As nações irão se curvar diante do poder de Deus e honrá-lo.

Mas também existe uma lição espiritual para nós. Na tipologia, os filisteus são mundanos (eles têm origem no Egito), apesar de estarem vivendo na terra prometida. Podemos dizer que eles estão vivendo em território cristão e reivindicando a porção celestial que Deus tem prometido para Seus filhos. Mas eles não têm direito a isso, uma vez que eles não são circuncidados (geralmente os filisteus são referidos como: “os filisteus incircuncisos”). Eles também não tomaram posse da terra prometida do modo como Deus gostaria, isto é, através do Mar Vermelho e do Rio Jordão, os quais nos falam, em tipo, acerca da morte de Cristo. Eles são homens naturais sem o verdadeiro conhecimento das coisas de Deus. Todavia, eles, dentre todos os povos, são os mais teimosos inimigos do povo de Deus (nós encontramos menção dos filisteus já nos dias dos patriarcas, até que finalmente, é o rei Davi quem lhes impõe uma derrota definitiva).

Portanto, nós podemos ver esses inimigos jurados de Israel como um tipo do cristão nominal que se orgulha de seus recursos naturais, da sabedoria deste mundo e coloca essas coisas *acima* da revelação de Deus, que nos foi concedida pelo próprio Senhor em Sua Palavra. Quando o estado espiritual do povo de Deus está baixo, “os filisteus” levam vantagem. E essa predominância pode ser tão forte que um indivíduo pode ser reprovado com as seguintes

palavras: “Não sabias tu que os filisteus dominam sobre nós?” (Jz 15:11). Nesse momento existe a tendência de se entregar a todo tipo de teorias de incredulidade. Por outro lado, quando a autoridade de Cristo é reconhecida no meio Seu povo e quando Jesus recebe o lugar que lhe é devido, essas más influências são confrontadas (como os filisteus que foram vencidos pelo rei Davi). Além do mais, um contato verdadeiro com a presença de Deus é algo insuportável para os professos nominais. A presença divina só pode significar julgamento para eles: Deus derruba seus ídolos e os atinge com Suas pragas do mesmo modo que Ele fez uma vez com o Egito (1Sm 4:8; 6:6). Tais aflições os fazem procurar meios de saírem da presença do SENHOR. Mas mesmo agindo dessa maneira, eles são forçados a honrá-lo — como podemos ver quando eles devolvem a arca para Israel.

A ARCA RETORNA A ISRAEL, MAS PERMANECE EM QUIRIATE-JEARIM

Agora a arca entra em um novo estágio de sua agitada história. Ela retorna para Israel e viaja até Quiriate-Jearim através de Bete-Semes. Ali ela permaneceu até que Davi deu à arca um lugar central, outra vez, na vida do povo de Deus (quando ele estabeleceu seu reino teocrático em Jerusalém).

Nesse meio tempo, os filisteus aprenderam que o Deus de Israel não deveria ser tratado com desprezo e Sua santa presença significa julgamento para aqueles que não o conhecem. Eles entendem que precisam retornar a arca tomada ao local que ela pertence (a terra de Israel). Siló não foi restaurada como um centro de adoração, pois o tabernáculo foi transferido para Nobe e dali para Gibeão. Mas eles não podem apenas devolver a mesma. Uma satisfação, uma oferta pela culpa precisa acompanhá-la. Então eles fazem alguns tumores e ratos de ouro, de acordo com o número das cidades dos filisteus, e os colocam dentro de uma caixa ao lado da arca. Provavelmente as pragas de ratos atacaram os filisteus depois do surgimento dos tumores, isto é, no início do tempo da colheita (cf. 1Sm 6:13). Dessa forma, eles deram glória ao Deus de Israel, reconhecendo-o como o autor das pragas que os atacaram e pediam alívio das mesmas.

Os filisteus, no entanto, tinham dúvidas acerca do fato se eles realmente estavam sofrendo aquela aflição por causa da presença da arca de Deus, ou

se as mesmas eram devidas ao acaso (1Sm 6:9). Por esse motivo, eles fazem um teste: eles enviam a arca de volta a Israel sobre um carrinho novo, sem ninguém conduzindo o mesmo, sendo puxado por duas vacas que estavam amamentando. Em condições normais, deveríamos esperar que as duas vacas retornassem para seus bezerros. Mas se isso não acontecesse, e as vacas pegassem o caminho em direção a Israel, então ficaria provado, de forma incontestável, que o Deus de Israel tinha trazido aquela grande aflição sobre os filisteus. E de fato, foi isso mesmo o que aconteceu. Guiadas de forma sobrenatural as vacas tomaram o caminho direto para Bete-Semes, (uma cidade habitada por levitas, no território de Judá, que havia sido dada aos coratitas e que ficava a 15 quilômetros de Ecrom). Submissas, à medida que caminhavam, as vacas se dirigiram diretamente, sem virar nem para a direita nem para a esquerda, enquanto eram seguidas pelos senhores dos filisteus (1Sm 6:12), os quais retornaram para Ecrom somente depois de terem visto a arca ser recebida, de modo seguro, pelos homens de Bete-Semes (1Sm 6:16). Para os filisteus a questão agora estava resolvida, e eles não tinham como evitar reconhecer a mão de Deus em todos esses eventos.

O uso de um carrinho novo para carregar a arca e os tumores e ratos de ouro, bem como as vacas sobre as quais nunca havia sido colocado uma canga, indicam o desejo dos filisteus de honrar o Deus de Israel. Eles colocaram algo novo, algo precioso à disposição de Deus. A lei de Moisés também, em alguns casos, menciona o uso de vacas jovens sobre as quais nenhum jugo tivesse sido colocado (Nm 19:2, Dt 21:3). A oferta da novilha nova vermelha é um tipo do sacrifício de Cristo, o qual não estava sob a obrigação de servir e, no entanto, deu a Si mesmo como uma oferta no vigor de Sua vida. Eu me refiro a isso especialmente diante do que acontece quando a arca chega a Bete-Semes. “E andavam os de Bete-Semes fazendo a sega do trigo no vale e, levantando os olhos, viram a arca; e, vendo-a, se alegraram. E o carro veio ao campo de Josué, o bete-semita, e parou ali; e ali estava uma grande pedra; e fenderam a madeira do carro e ofereceram as vacas ao SENHOR, em holocausto. E os levitas desceram a arca do SENHOR, como também o cofre que estava junto a ela, em que estavam as obras de ouro, e puseram-nos sobre aquela grande pedra; e os homens de Bete-Semes ofereceram holocaustos e sacrificaram sacrifícios ao SENHOR no mesmo dia” (1Sm 6:13-15).

A recepção da arca é muito importante para nossa atitude com a Pessoa de Cristo. Em primeiro lugar, o povo de Bete-Semes *ficou feliz* quando viu a arca. Eles haviam lamentado a ausência da mesma como centro de sua adoração e agora estavam contentes de vê-la retornando para eles. Isso deve nos lembrar da atitude dos discípulos no dia da ressurreição.

Eles estavam pranteando a morte do Senhor Jesus, mas agora, de repente, Ele se encontrava no meio deles outra vez, mostrando-lhes os sinais de Seus sofrimentos: “os discípulos *se alegraram*, vendo o Senhor” (Jo 20:20). Em segundo lugar, a adoração foi restaurada espontaneamente e a arca tornou-se o centro da atenção de todos. Os levitas — pois a cidade de Bete-Semes era uma cidade de levitas — haviam dado à arca um lugar de honra colocando-a sobre uma grande pedra. Em seguida, as duas vacas que haviam trazido o carrinho foram oferecidas como ofertas queimadas ao SENHOR, provavelmente, sobre a mesma pedra que então serviu como altar (cf. a oferta de Manoá, Jz 13:19). Além disso, outras ofertas queimadas e sacrifícios (ofertas pacíficas) também são mencionadas. As ofertas queimadas eram consumidas completamente pelo fogo e eram dedicadas exclusivamente ao SENHOR, mas das ofertas pacíficas os israelitas podiam comer (com exceção da gordura). Dessa maneira, o retorno da arca oferece uma ocasião para uma refeição comunitária sagrada e feliz. Assim também deve acontecer conosco quando Cristo é reconhecido como o verdadeiro Centro de todos aqueles que Lhe pertencem e quando Ele recebe o lugar que Lhe é devido. Como Aquele que ressuscitou Ele irá então nos mostrar as marcas de Seu sofrimento e Ele mesmo irá nos conduzir em cânticos de louvor no meio de Seus irmãos. Então, nós iremos oferecer sacrifícios espirituais de louvor e adoração e nos regozijar na comunhão que temos com o Pai, com o Filho e uns com os outros.

A história agora sofre uma séria reviravolta, porque os homens de Bete-Semes abandonam sua reverência inicial e decidem examinar a arca mais de perto (talvez até tenham olhado para dentro da arca como algumas traduções indicam). Eles fracassaram em se lembrar que a arca era o objeto mais sagrado de sua adoração, sendo o próprio trono de Deus. Talvez guiados pela curiosidade, eles começaram a examinar a arca aproximando-se da mesma. Foi então que Deus demonstrou que Ele é o Santo, pois fere os homens de Bete-Semes com Seu julgamento da mesma maneira que mais tarde, Deus abateu Uzá, quando esse último, de modo precipitado, colocou a mão na arca (2Sm 6:6-7) sem demonstrar a devida reverência. A alegria deles transformou-se em lamento porque o SENHOR os feriu com uma grande matança. Agora a presença do SENHOR é mais do que eles podem suportar: “Então, disseram os homens de Bete-Semes: Quem poderia estar perante o SENHOR, este Deus santo? E para quem subirá desde nós? Enviaram, pois, mensageiros aos habitantes de Quiriate-Jearim, dizendo: Os filisteus devolveram a arca do SENHOR; descei, pois, e fazei-a subir para vós outros” (1Sm 6:20-21). Profundamente impressionados pela grande santidade do

SENHOR, eles agora vão para o outro extremo temendo manter a arca no meio deles. Suas atitudes são as mesmas dos filisteus que enviaram a arca de um lugar para o outro, porque não podiam suportar sua presença.

O paralelo do Novo Testamento a esse acontecimento é a narrativa dos gadarenos que pediram a Jesus, que fosse embora de sua região depois de Jesus tê-los tratado de modo severo (Mt 8:34). Somente tempos depois, eles aprenderam a apreciar a presença benéfica do SENHOR. Bênção e julgamento são duas coisas que sempre acompanham a presença divina. *Bênção* quando vivemos a altura de Seus pensamentos, mas *julgamento* quando anulamos Seus direitos. O desejo de olhar para dentro da arca pode, possivelmente, referir-se ao desejo de compreender o mistério da Pessoa de Cristo. Mas ninguém conhece o Filho, exceto o Pai, e não é assunto nosso contemplar Aquele que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, exceto com a maior das reverências!

Felizmente, a arca consegue um lugar de descanso em Quiriate-Jearim, cerca de 10 quilômetros a oeste de Jerusalém. Essa cidade estava situada no alto das montanhas e, portanto, os mensageiros de Bete-Semes dizem: “Descei, pois, e fazei-a subir para vós”. Agora, a arca ocupa um lugar de honra no ponto mais alto da cidade: “na casa de Abinadabe, no outeiro”. Além disso, ela recebeu atenção especial: “e consagraram Eleazar, seu filho, para que guardasse a arca do SENHOR”. O ato de guardar a arca significa, provavelmente, “protegê-la” de tal maneira que, de agora em diante, a mesma seria preservada de olhares e ações indiscretas. A arca permaneceu nesse local seguro e separado por um longo período de tempo: cerca de 70 anos (primeiro temos os 20 anos mencionados em 1Sm 7:2, depois o período do reinado de Saul — 40 anos? — e por último, com certeza, os 7 anos que Davi reinou em Hebrom).

Ao que parece, Samuel não fez nenhuma tentativa de restaurar a arca ao centro religioso da vida de seu povo. Talvez ele sentia que o tempo não era apropriado para isso e que tal tarefa deveria ser executada pelo rei ungido. Esse é o próximo assunto que iremos considerar.⁷

⁷ De acordo com 1Cr 13:3, o povo não se importava com a arca nos dias de Saul. No entanto, em 1Sm 14:18 nós lemos que Saul pediu a arca para levá-la junto com os exércitos na guerra contra os filisteus. Alguns estudiosos acreditam que existam problemas com esse manuscrito e que existem boas razões para se acreditar que não era a arca e sim o peitoral que é mencionado aqui. O versículo 3 já tinha mencionado o peitoral e a ordem de Saul aos sacerdotes no versículo 19, aparentemente, também faz alusão às vestes sacerdotais. Aíás deveria retirar sua mão de trás do peitoral do julgamento, no qual se encontravam o urim e o tumin. De qualquer maneira, outra vez, Saul é muito impaciente para esperar pelo Senhor.

A ARCA É LEVADA PARA O MONTE SIÃO

É inquestionável que a colocação da arca no Monte Sião marca o ponto mais alto de sua história. É o rei Davi, o homem segundo o coração de Deus, que coloca a arca outra vez no centro da adoração do povo de Israel. Finalmente a mesma chega ao lugar que Deus havia escolhido para colocar Seu nome, o qual tinha sido profetizado por Moisés muitos anos antes (cf. Dt 12). Com esse evento uma era totalmente nova tem início: o local central de adoração está vinculado com o novo trono do governo de Davi sobre todo Israel. Inicialmente, Davi foi reconhecido como rei somente em Hebrom, pelos habitantes de Judá, mas gradualmente todo o povo se reuniu ao redor dele, e Davi foi ungido rei sobre todas as tribos de Israel. A partir daí ele começou a buscar por um local mais central para estabelecer a capital de seu governo, local esse que ele encontrou em Jerusalém — a cidade do antigo sacerdote e rei Melquisedeque (Gn 14:18).

Davi conquistou a fortaleza de Sião, localizada no sul da cidade, e a transformou em sua residência: “a cidade de Davi” (2Sm 5:7). Mais tarde, o nome Sião passou a designar toda a cidade e então foi usado para indicar Jerusalém como a cidade de Deus. Não foi apenas Davi, mas também o próprio *SENHOR* quem escolheu Sião como Sua habitação (Sl 132:13-14). Todavia, é bom vermos que Davi toma a iniciativa de fazer de Sião também a habitação de *Deus*. Depois que Davi entende que o *SENHOR* o havia estabelecido como rei sobre todo o Israel e que Deus tinha exaltado seu reino, Davi não deseja reinar *sem* Deus. Davi deseja ser um rei por direito divino, porque ele entende que deve seu reinado ao *SENHOR*. O desejo de Davi é de reinar em nome de Deus e de manter os direitos de Deus sobre Seu povo. Não é o trono de Davi que importa, mas o trono do *SENHOR* (cf. 1Cr 29:23). Sião é tanto o assento da soberania de Deus como o centro da adoração de Israel.

Essa reviravolta na história de Israel nos oferece algumas ricas lições proféticas e espirituais. Em primeiro lugar, trata-se de uma referência profética ao reino de paz de Cristo, o qual precisa reinar até que todos os inimigos tenham sido postos debaixo de Seus pés. No entanto, em sentido espiritual Seu reino assume sua forma no meio de Seu povo já *agora*: quando Cristo é realmente reconhecido como Senhor, as características do reino de Deus se tornam visíveis, nominalmente: “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17). Aquilo que será revelado em autoridade e majestade sobre essa terra quando Cristo retornar, já é hoje a porção daqueles que têm sido trans-

feridos para o reino do Filho amado de Deus, o homem segundo o coração de Deus (Cl 1:13). Esses seguem seu caminho tendo a *paz* de Deus em seus corações e reconhecendo os *direitos* de Deus sobre tudo o que possuem e são. Eles também estão cheios da *alegria* que o Espírito Santo distribui a eles por causa da comunhão que têm com o Pai e com o Filho.

A condução da arca até o Monte Sião foi um evento festivo. Deus recebeu o lugar que lhe era devido e o rei Davi reinou por direito divino. Da mesma forma, deve ser motivo de alegria para nós — e particularmente motivo de honra para Deus — quando Cristo ocupa o lugar que Lhe é devido no meio de Seu povo e quando Sua autoridade é reconhecida por todos.



Mas nós iremos desfrutar essas bênçãos, de modo prático, apenas se reconhecermos a autoridade de Cristo, quando Ele realmente se torna o centro da nossa vida espiritual e faz com que Seu nome habite em nosso meio. É isso mesmo que a tipologia do Antigo Testamento nos mostra: a autoridade de Davi como o rei ungido precisa ser reconhecida e a arca com a qual Deus tem vinculado Sua presença precisa receber seu lugar apropriado e central na adoração do povo de Deus. A tipologia do Antigo Testamento também nos mostra que estamos diante de privilégios que não são apenas *pessoais*, mas também, coletivos. Essas questões dizem respeito a *todo* o povo de Deus. À luz

dessa verdade examinemos a narrativa da entrada da arca no Monte Sião, como se encontra registrada em 2 Samuel 6 e 1 Crônicas 13, 15-16. A lição principal é que Cristo precisa encontrar um lugar de descanso no meio de Seu povo, um local de habitação permanente conectado com a adoração segundo a mente de Deus. Jesus só pode descansar onde Seus direitos são reconhecidos e onde pessoas se submetem, de todo o coração, à Sua autoridade. O cumprimento dessa condição é essencial — da mesma maneira que Davi foi *primeiro* honrado como rei e só depois a arca foi levada ao seu lugar de descanso em Sião.

Quando lemos esses capítulos, a alegria do evento deve chamar nossa atenção. Tal alegria é, particularmente, enfatizada em 1 Crônicas. A entrada da arca foi acompanhada de música, danças e canções de júbilo. Tudo isso era apropriado para o povo terreno de Deus. Para nós que adoramos a Deus em espírito e em verdade (Jo 4:24; Fp 3:3), essas coisas têm um significado *espiritual*. O que é importante é a alegria no Espírito Santo. O mesmo se aplica aos sacrifícios que eles ofereceram por ocasião da entrada da arca: *nosso* dever é oferecer sacrifícios *espirituais* (1Pe 2:5). É algo extraordinário que em nenhum lugar no Novo Testamento se mencione instrumentos musicais sendo usados durante a adoração. A única coisa mencionada é o ato de cantar. Os cristãos cantavam salmos, hinos e cânticos espirituais (Ef 5:19; Cl 3:16) e então, as Escrituras adicionam que devemos cantar *com nossos corações* (em outras palavras: não devemos cantar apenas com nossos lábios, mas devemos ter genuína intenção diante dos olhos de Deus). Agora trata-se de uma questão de grande alegria para nós quando começamos a entender que Deus deseja habitar em nosso meio através da Pessoa de Cristo. A lição que essa tipologia do Antigo Testamento nos ensina é: será que nós estamos concedendo a Jesus o lugar que Lhe é devido em nosso meio, um local de descanso, um local de honra? Cristo é verdadeiramente o Centro de nossa adoração e nós nos encontramos no local que está de acordo com a mente de Deus? E mais: nós reconhecemos a autoridade de Jesus como o ungido de Deus, uma autoridade que Ele exercita através da liberdade de trabalho de Seu Espírito (1Co 12:11)?

A Epístola aos Hebreus nos ensina que os israelitas que viviam nos dias do rei Davi não eram os únicos que tinham permissão de vir ao Monte Sião — em procissões solenes, carregando a arca em seu meio. De fato, isso tem um significado mais profundo e é um privilégio válido também para os nossos dias: “Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial” (Hb 12:22). Sião é o monte da graça de Deus. Depois de uma longa sucessão de fracassos da parte de Israel, Deus em Sua graça deu ao povo o rei Davi. Para Israel isso significava um novo começo: agora um período de bênção tinha chegado. E Sião é o símbolo disso. No Monte

Sião nós não vemos um povo com medo da maldição da lei (como vemos no Monte Sinai). Aqui vemos um povo cheio de alegria, regozijando-se em seu rei ungido e na presença de Deus em Seu meio. Sião é o assento do reino de Deus e eles estão ali, no entanto, não estão amedrontados em Sua presença. Nós também devemos saber que temos sido transferidos para o reino do Filho do *amor* de Deus. Seu governo é gracioso. Sob sua soberania nós somos abençoados, e somos livres. Nós podemos nos regozijar em Sua presença e ter livre acesso a Deus. Nós somos um povo abençoado com bênçãos eternas e celestiais. Nós fomos levados não para uma cidade terrena e sim para uma celestial: à Jerusalém celestial. Os privilégios do reino de paz já são nossa porção, de tal modo que não precisamos temer, mas estar cheios de alegria na presença de Deus e de Seu Ungido. Nós podemos louvar Seu nome — o qual em breve será glorioso sobre toda a terra — através de nossos cânticos, e louvor e ações de graças.

Existem ainda alguns detalhes que nós precisamos prestar atenção antes de prosseguirmos. A primeira tentativa de trazer a arca para a cidade de Davi fracassou, porque a santidade de Deus não foi levada em conta de forma suficiente. A arca deveria ser carregada apenas nos ombros dos levitas; ela não deveria ser transportada em um carrinho (Nm 7:9). Os levitas também não tinham permissão de tocar na arca. Depois que os sacerdotes tinham coberto a arca com suas cobertas e haviam colocado as varas nas argolas, então os levitas podiam levantar a arca pelas varas. Pois se eles tocassem a santa arca em si mesma, eles deveriam morrer (Nm 4:15). Essas duas instruções foram desconsideradas: Davi fez com que a arca fosse transportada em um carrinho novo e Uzá se atreveu a estender a mão para segurar a arca.⁸ O julgamento de Números 4 foi cumprido e Uzá teve morte instantânea.

Desse modo, se for nosso desejo sincero que Deus habite em nosso meio, é necessário que levemos em conta Suas santas exigências. Nunca

⁸ De acordo com 2 Samuel 6 isso aconteceu próximo da eira de Nacom, e conforme 1 Crônicas 13, perto da eira de Quidom. Alguns explicam essa diferença sugerindo que Quidom era o novo proprietário da eira quando a narrativa de Crônicas foi escrita. Outros usam os dois nomes como uma forma de interpretar o pesado golpe desferido por Deus contra Uzá: “eira do golpe” e “eira da calamidade”, respectivamente. Mais tarde, se assume, que esse nome foi mudado para Perez-Uzá, isto é, “rotura de Uzá”. Deixando essas coisas de lado, é extraordinário que essa série de eventos tenha acontecido próximo de uma eira. Isso nos lembra o que aconteceu na eira de Araúna, o jebusita (chamado “Orná” em 1 Crônicas) anos mais tarde. Ali foi o local crítico onde a praga foi paralisada, graças à oferta que Davi fez no altar que construiu naquele lugar. Também foi ali, que o templo foi construído. Nas Escrituras, uma eira está sempre — como aqui — vinculada com provação e refinamento, com separação daquilo que é bom daquilo que mau e da palha do trigo (cf. Mt 3:12).

devemos nos esquecer que Deus é o Santo e que Sua vontade revelada precisa tornar-se a norma para nosso serviço. Não podemos agir como os filisteus que retornaram a arca a Israel sobre um carrinho novo. Para transportar outras partes do tabernáculo o uso de carrinhos era permitido, mas para os santos objetos não eram, e menos ainda para o mais santo dos objetos: o trono de Deus (a arca é descrita muito circunstancialmente nessa passagem, como a propriedade do SENHOR dos exércitos, o qual está vinculado com a mesma, e tem revelado Seu Nome no meio do Seu povo). Isso nos mostra que ao levarmos o testemunho que Deus nos confiou, recursos humanos não são necessários. Quando apresentamos as excelências de Deus e a glória de Cristo, só podemos fazê-las, de forma efetiva, *pelo poder que nos é dado por Deus*. O transporte feito nos ombros também faz referência à necessidade duma reverência apropriada.

É reconfortante saber que a presença da arca também envolve bênção. Essa foi a experiência de Obede-Edom em cuja casa a arca permaneceu durante 3 meses, porque depois da morte de Uzá, Davi estava com medo de dar a ela um lugar de habitação na cidade de Davi. E a bênção experimentada por Obede-Edom e sua casa (nós devemos dizer: por causa de uma vida na presença de Deus) acaba encorajando Davi outra vez, e assim ele decide trazer a arca para dentro de sua cidade. Nessa segunda vez as coisas foram bem melhores. As instruções de Moisés foram observadas e notamos a presença de cantores e porteiros para a arca (aos quais Obede-Edom provavelmente pertencia⁹; talvez ele não desejava separar-se da arca à qual devia tantas bênçãos). A tarefa dos porteiros era garantir que a arca não seria tocada por objetos ou pessoas impuras. Além do mais, sacrifícios foram oferecidos para que a jornada fosse bem sucedida. Tais sacrifícios eram oferecidos depois de cada 6 passos (2Sm 6:13), do caminho porque era evidente que Deus estava com os levitas enquanto cumpriam com seu dever (1Cr 15:26) e finalmente, como reconhecimento da chegada em segurança ao destino final (1Cr 16:1). Ali Davi organizou um culto de adoração diante da arca em Sião. É nosso desejo falar sobre isso no próximo capítulo.

Todavia, existe uma pessoa que não participa da festa pública. Trata-se de Mical, a filha de Saul, o homem que não tinha se incomodado com a arca. Vendo Davi se alegrando diante do SENHOR, ela o desprezou em seu coração. Esse é o triste fim para uma história alegre, que contém uma séria advertência para os nossos dias: “Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo” (Hb 3:12).

⁹ Nota do Tradutor: Ver 1 Crônicas 15:24.

Capítulo 5

DO MONTE SIÃO PARA O TEMPLO DE SALOMÃO

A ADORAÇÃO DIANTE DA ARCA NO MONTE SIÃO

Quando a arca chegou a seu local de descanso no Monte Sião, na tenda que Davi tinha levantado para a mesma, ofertas queimadas e pacíficas foram oferecidas “diante de Deus” em reconhecimento à jornada bem sucedida, que começou na casa de Obede-Edom (1Cr 16:1). Então, Davi abençoa o povo no nome do SENHOR que estabeleceu Seu trono aqui, e preparou uma festa para todos os israelitas. Sião é o lugar da bênção, onde os famintos entre o povo encontram satisfação no pão que lhes é oferecido (Sl 132-134). Esse é também um lugar de adoração, adoração essa que acontece *diante* da arca. De agora em diante, a arca com a qual Deus vinculou Sua presença irá permanecer como o centro das atenções. Nunca mais a mesma seria esquecida, como havia acontecido durante sua longa permanência em Quiriate-Jearim. A adoração diante da arca, como instituída por Davi, consistia principalmente, de música e cânticos, porque durante esses dias as ofertas dos sacrifícios continuavam sendo realizadas em Gibeão (até que o templo fosse construído). Naqueles dias os levitas ministravam continuamente, celebrando, agradecendo, e louvando o SENHOR (1Cr 16:4,37).

O autor de Crônicas também nos dá as palavras do hino que foi cantado no dia glorioso que marcou a entrada da arca em Jerusalém pela primeira vez. Trata-se de uma combinação de partes dos Salmos (Sl 105, 96 e 106) que

possuem características tanto de ensino, quanto proféticas. O mesmo celebra as obras maravilhosas de Deus na história de Israel e Sua glória como Criador e Juiz. O *ETERNO* é Rei e Ele virá como juiz de toda a terra. Isso será para o benefício de Seu povo, o qual então será ajuntado da dispersão. Assim, a perspectiva profética desse hino alcança os últimos tempos quando os eleitos de Israel serão ajuntados dos quatro ventos (cf. Mt 24:30-31).

Todavia, esse capítulo também nos oferece muito ensinamento com relação à concretização prática de nosso ajuntamento como crentes. Aqui nós vemos o povo reunido junto *ao redor da arca*. Na tipologia, isso nos fala de Cristo sendo o verdadeiro Centro de Seu povo, que se reúne junto ao redor dele. Toda a atenção está centrada em Jesus. Ele é o Centro da bênção, e nós podemos trazer nossas ofertas de louvor e ações de graça diante *dele*. Nesse momento, Deus também fala *conosco*, pois debaixo da direção do Seu Espírito, um ministério profético da Palavra de Deus acontece cujo alvo é honrar Deus e nos ensinar. Em 1Crônicas 25 temos enfatizado o fato que os cantores *profetizaram*. O serviço dos cantores e dos músicos, como instituídos pelo rei Davi, *depois* que a arca chegou ao seu lugar definitivo de descanso no Monte Sião (1Cr 6:31), é uma indicação da verdade divina através da voz profética. Portanto, não se trata de acidente o fato do apóstolo Paulo comparar o ministério da Palavra numa congregação local, com o ato de tocar instrumentos musicais (1Co 14:7). Cada instrumento possui seu tom distinto. Da mesma maneira, o ministério da Palavra deve ser claramente reconhecido e entendido em seu caráter, dependendo do instrumento que o Espírito Santo está usando. Deus tem dado *diferentes* dons ao Seu povo, mas todos eles deveriam, em condições normais, promover a totalidade da verdade juntos e de forma harmônica. Nós possuímos tal ministério profético da Palavra de Deus, centrado em Cristo como o nosso foco principal?

A ARCA, O ALTAR E O TEMPLO

Apesar do fato de que a arca alcançou seu lugar de descanso no Monte Sião, a mesma continua dentro de uma tenda, enquanto o próprio Davi habita em um palácio feito de cedro. Davi sente que existe alguma coisa errada com isso. A arca sobre a qual Deus está sentado, simbolicamente, deveria estar habitando num lugar, pelo menos tão magnífico como o palácio do rei (2Sm 7:2; 1Cr 17:1). Davi então discute esta questão com o profeta Natã, o

qual concorda de todo coração com Davi e diz ao rei para fazer o que está pensando, porque Deus está com ele. Mas naquela mesma noite, a Palavra de Deus veio a Natã com uma mensagem completamente diferente: Não será Davi quem irá construir a casa para o SENHOR (no sentido de um *local de habitação* permanente), todavia o SENHOR é que irá edificar uma casa para Davi (no sentido de uma *posteridade* duradoura). Dessa forma, as coisas foram completamente reviradas. O SENHOR não precisava de Davi. Pois o céu é Seu trono e a terra o estrado de Seus pés. Além do mais, Deus habitou alguma vez, durante a história de Israel, em uma casa feita de cedro? Não, primeiro o SENHOR iria edificar uma casa para Davi e estabelecer o reino de um de seus filhos (Salomão), e depois disso, uma casa poderia ser construída para o SENHOR. Além disso, nós podemos discernir nessa profecia a promessa da vinda do Messias, o Filho de Davi segundo a carne, mas, de modo supremo, o Filho de Seu Pai e o Objeto de Seu Eterno favor!

Em 1 Crônicas 22, Davi apresenta outro argumento usado pelo SENHOR para impedi-lo de construir o templo: ele havia sido um homem que tinha derramado muito sangue, como um herói militar. Seria melhor se um “homem de repouso” construísse a “casa de repouso” para a arca da aliança (cf. 1Cr 22:9 com 28:2-3). Esta tarefa deveria ser concretizada pelo filho de Davi e o descanso e a paz que marcariam seu reinado estavam expressos inclusive no nome dele. Salomão = pacífico, rico em paz. O rei da paz deveria construir o lugar de descanso permanente da arca, e Davi recebeu a permissão de fazer os planos e todos os preparativos necessários para a construção, o mobiliário e para a adoração (1Cr 22-29).

Davi também recebeu uma indicação divina *aonde* o templo deveria ser construído. Mas ao contrário da totalidade do plano — que Davi recebeu diretamente das mãos do SENHOR (1Cr 28:19) — tal indicação veio por meio de uma provação na qual o braço punitivo de Deus teve que *ferir* Israel. Essa história é bem conhecida: Davi permitiu se deixar incitar por Satanás para fazer um censo em Israel. Aparentemente, o rei desejava poder se orgulhar da força de seu exército. Mesmo diante dos olhos de Joabe, comandante dos exércitos, a ordem do rei era irritante. Mas acima de tudo, tratava-se de algo mau aos olhos de Deus, pois o SENHOR odeia o orgulho e se opõe ao orgulhoso. É verdade que Davi se arrependeu, mas era muito tarde para ele escapar do castigo. Ele mesmo teve que escolher a punição e sua decisão foi cair nas mãos do SENHOR. Deus enviou uma peste sobre Israel e setenta mil homens perderam a vida. Um anjo veio até Jerusalém — onde Davi morava — para destruí-la. Todavia, quando ele estava para começar a destruição ele

recebeu a seguinte ordem: “Basta, agora retira a tua mão”. Naquele momento, o anjo destruidor estava sobre a eira de Araúna (ou Ornã). Davi, com seus olhos no anjo intercede a favor de Israel. Somente um sacrifício vicário¹⁰ poderia trazer alívio. O mesmo devia ser oferecido na eira onde o anjo do julgamento se encontrava. Ali Davi constrói um altar e oferece sacrifícios queimados e ofertas pacíficas, e o SENHOR responde a Davi com fogo enviado do céu sobre o altar da oferta queimada.

Assim, a peste foi suspensa. Davi então profere essas palavras memoráveis: “Esta será a Casa do SENHOR Deus, e este será o altar do holocausto para Israel” (1Cr 22:1). O local onde o julgamento foi suspenso e onde o sacrifício vicário satisfaz a santa exigência de Deus, que pesava sobre um povo culpado, tornou-se o local apropriado para a habitação de Deus no meio de Seu povo e para o altar das ofertas queimadas. Nessa passagem Deus demonstra Sua santidade, mas também Sua rica misericórdia. É aqui que Ele poderá habitar, no local que fala tanto de julgamento quanto de graça, de punição bem como de expiação (e no chão daquela eira nós temos: um local elevado que nos fala de julgamento e purificação).

Além do mais, a impressão que temos de 2Cr 3:1 é que esse local elevado era o Monte Moriá. Tudo isso nos leva a vincular esse local com a história de Gn 22, onde a terra de Moriá é mencionada. Abraão teve que oferecer o seu único filho, seu maior tesouro, no monte que o SENHOR lhe mostraria. Mas ali, no monte do SENHOR, o próprio Deus supriu um sacrifício para substituir o jovem Isaque. Profeticamente, isso nos fala do sacrifício de Cristo, o unigênito e muito amado Filho de Deus, que foi escolhido pelo próprio Deus para ser o cordeiro do holocausto. Abraão pode poupar seu filho; Deus não pode poupar Seu próprio Filho, mas Ele o entregou a nosso favor (Rm 8:32). O Filho de Deus se tornou o verdadeiro cordeiro sacrificial que fez a expiação pela culpa do povo.

Desse modo, esse local de sacrifício, era perfeitamente apropriado para tornar-se o futuro lugar do altar das ofertas queimadas e do templo. Certo tempo, todavia, precisou passar, antes que o mesmo fosse colocado para tal uso.¹¹

¹⁰ Nota do Tradutor: Sacrifício vicário é aquele que é oferecido em lugar ou a favor de outro. Assim foi com Cristo que se ofereceu em nosso lugar para satisfazer a justiça de Deus.

¹¹ Em 1 Crônicas a preparação para a construção do templo vem logo após essa história da fixação do local do templo e do altar das ofertas queimadas. Tais preparações, ao que parece, levaram um tempo considerável, do quarto ano do seu reinado Salomão trabalhou na construção do templo por 7 anos.

Por hora, a arca permaneceu em seu lugar no Monte Sião. Desse modo, a mesma continuou separada dos outros objetos santos, que se encontravam no tabernáculo nos montes de Gibeão. A arca, a tenda do encontro, e todos os objetos santos na tenda não foram trazidos para nova casa do SENHOR até que o templo foi consagrado. Salomão continuou a oferecer sacrifícios nos altos de Gibeão e também diante da arca em Jerusalém (1 Re 3:4,15).

OUTRAS REFERENCIAS À ARCA EM 2 SAMUEL.

Agora, nós precisamos voltar para a nossa história de Israel, porque 2 Samuel, menciona alguns outros eventos com relação à arca, que não são encontrados em 1 Crônicas. O desejo de Davi de construir uma casa para a arca do SENHOR encontra-se nos dois livros; o mesmo acontece com a narrativa do censo que culminou com a determinação do local do futuro templo. Mas a triste história de Urias e a rebelião de Absalão estão presentes apenas em 2 Samuel e, nessas duas histórias, nós lemos alguma coisa acerca da arca.

Enquanto em Crônicas a história está registrada, em sua maior parte, da perspectiva do próprio Deus agindo na mesma, nos livros de Samuel e Reis nós encontramos uma narrativa mais alinhada com a responsabilidade humana sendo enfatizada. Portanto, o adultério de Davi com Bate-Seba e todas as complicações resultantes do mesmo estão descritas apenas em 2 Samuel. Numa tentativa de esconder seu pecado, como Urias não pode ser persuadido a entrar em sua própria casa. Urias disse a Davi o seguinte: “A arca, e Israel, e Judá ficam em tendas; e Joabe, meu senhor, e os servos de meu senhor estão acampados no campo; e hei de eu entrar na minha casa, para comer e beber e para me deitar com minha mulher? Pela tua vida e pela vida da tua alma, não farei tal coisa” (2Sm 11:11). Davi então fez com que o valente guerreiro fosse enviado de volta ao campo de batalha.

Nós podemos concluir dessas palavras que a arca acompanhou os israelitas na guerra contra os amonitas. Não deveria Davi também ter ido junto? Se tivesse feito isso, não teria caído na prática do mal como ele fez. Além do mais, é bom ver que Urias menciona a arca em primeiro lugar. Isso nos ensina que, em todas as coisas, Cristo deve ocupar o primeiro lugar. Os interesses de Jesus devem vir primeiro.

Quando Davi teve que fugir de Absalão, a arca é novamente mencionada. Absalão havia se proclamado rei em Hebrom e a maioria dos israelitas estavam do lado dele. Davi não podia fazer absolutamente nada senão fugir. Felizmente, algumas pessoas permaneceram fiéis a Davi e o seguiram. Entre esses estavam Zadoque, o sacerdote e os levitas transportando a arca. Todavia, Davi decide não levar a arca com ele: “Torna a levar a arca de Deus à cidade; se achar eu graça aos olhos do SENHOR, ele me tornará a trazer para lá e me deixará ver a ela e a sua habitação. Se, porém, disser assim: Não tenho prazer em ti; eis-me aqui, faça de mim como parecer bem aos seus olhos” (2Sm 15:25-26).

Sem dúvida, o caminho que Davi deveria percorrer era profundo. Entretanto, ele confia plenamente em Deus. Ele coloca todo o seu futuro nas mãos de Deus. Se for a vontade de Deus restaurá-lo com seus poderes reais, então isso certamente irá acontecer, e ele poderá ver a arca outra vez. Caso contrário, também tudo estará certo. Ele sabe que o SENHOR está indo com ele, mesmo sem o sinal da presença de Deus acompanhando-o. A arca deveria permanecer em seu lugar: o trono de Deus não é movido, independente dos planos divisados pelo homem.

A ARCA COLOCADA DENTRO DO TEMPLO

Agora vamos seguir a arca na última parte da sua jornada, do Monte Sião até o monte do templo. O destino final da arca é o Templo de Salomão, a “casa de repouso para a arca do concerto do SENHOR e para o escabelo dos pés do nosso Deus” (1Cr 28:2).

O tempo de suas peregrinações agora chegou, definitivamente, ao fim. Ela não precisa mais liderar o povo para obter vitórias nas batalhas, pois o inimigo foi conquistado e paz e descanso prevalecem na terra prometida. A arca pode ocupar seu local final de repouso, não mais na tenda da congregação — uma habitação temporária — mas no templo, um palácio permanente.

O templo de Salomão é, portanto marcado por grandes contrastes com relação ao tabernáculo. Tudo nele nos fala de durabilidade e de pompa real. O mesmo foi construído com pedras de cantaria e madeira de cedro e de ciprestes e foi completado com uso de uma grande quantidade de metais preciosos. O espaço ocupado pelo templo tinha duas vezes o tamanho do tabernáculo. Além disso, existia no templo um pátio na sua entrada e construções laterais de três andares com a altura de cinco cúbitos, confinando com as muralhas principais. Outras diferenças significativas são:

— Os dois pilares de bronze colocados na frente do templo chamados Jaquim (= Ele estabelecerá) e Boaz (= Nele está à força). Os capitéis estavam adornados com camadas de centenas de romãs esculpidas. No tabernáculo não existiam tais pilares;

— O mar de metal fundido, que estava sobre 12 bois substituiu a antiga bacia na qual os sacerdotes e levitas se lavavam;

— Também existia uma nova provisão para o suprimento de água: dez tanques móveis para lavar os utensílios das ofertas queimadas;

— Dez candelabros de ouro no lugar santo, em vez de apenas um candelabro no tabernáculo;

— Dez mesas com pães da Proposição, em vez de uma única mesa no tabernáculo;

— Portas de madeira no lugar de véus, apesar de 2Cr 3:14 ainda mencionar o véu que separava o lugar santíssimo do lugar santo. (Provavelmente as portas estavam abertas, e então o véu continuava separando o salão principal do salão interior);

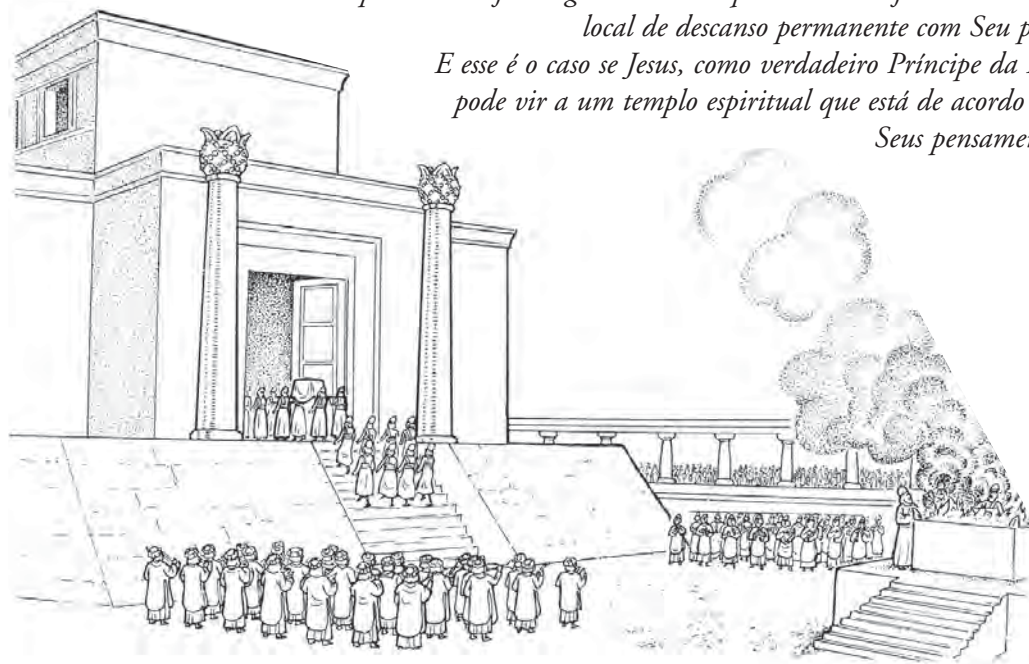
— Dois pátios cercados por uma parede (um pátio para os sacerdotes e um para o povo), em contraste com o único pátio que existia no tabernáculo e que estava cercado por uma cerca de linho branco;

Finalmente a arca encontrou um lugar de repouso permanente e não precisa mais ser carregada nos ombros dos levitas. Portanto, suas varas podem agora serem removidas. Isso é uma referência profética acerca do descanso que acompanhará a vinda do reino de paz, mas ao mesmo tempo também já é algo verdadeiro que Cristo deseja encontrar um

local de descanso permanente com Seu povo.

E esse é o caso se Jesus, como verdadeiro Príncipe da Paz, pode vir a um templo espiritual que está de acordo com

Seus pensamentos.



— Finalmente, no lugar santíssimo, nós temos dois enormes querubins de madeira, cada um com dez cúbitos de altura, completamente revestidos de ouro que “havia de estender as asas e cobrir a arca do concerto do SENHOR” (1Cr 28:18). Nós não encontramos essas coisas no tabernáculo.

Essa última característica é muito importante em vista do nosso assunto. Por que esses dois querubins acima da arca quando existiam dois querubins de ouro em cima da mesma, unidos ao propiciatório? Nós também podemos nos perguntar por que encontramos tantas imagens de querubins na decoração do templo quando nada semelhante a isso existia no tabernáculo (ali eles apareciam apenas no véu do lugar santíssimo)? A resposta talvez seja encontrada se considerarmos que os querubins são representativos e os executores do *governo* de Deus. O que poderia ser mais apropriado no reino teocrático de Salomão do que esses guardiões da teocracia?

Outro aspecto interessante é que esses querubins no salão interior do templo, não estão olhando para o propiciatório (apesar do lugar santíssimo ser especificamente chamado de “casa do propiciatório” – 1Cr 28:11), como acontecia com os querubins dourados sob a própria arca. Os querubins feitos de madeira de oliveiras, que com suas asas estendidas enchiam praticamente a parede do fundo do salão interior estavam olhando em direção ao “salão principal” (2Cr 3:13). Desse modo, de dentro do lugar santíssimo, eles olhavam para o lugar santo, o que em outras palavras quer dizer que, seus olhos estavam virados para o mundo exterior com o objetivo de manter os direitos do trono de Deus ali fora. Pois, no reino de paz de Deus, a justiça reina. De acordo com 1 Cr 28:18, esses querubins nos fazem pensar na caruagem-trono — e Ezequiel 1 nos mostra que tal trono em funcionamento na execução do governo de Deus, se move sempre *diretamente* para frente.

Dessa maneira, a arca da aliança encontrou seu local de descanso definitivo no templo de Salomão, sob a sombra desses querubins. A entrada da arca no templo é descrita em 1 Reis 8 e 2 Crônicas 5. Ao que tudo indica, tratou-se de um ato solene e de um tempo particularmente festivo. A arca chegou ao seu lugar de descanso no templo na ocasião da consagração do mesmo, que aconteceu durante a Festa dos Tabernáculos, no sétimo mês: “E todos os homens de Israel se juntaram, na festa, ao rei Salomão, no mês de etanim, que é o sétimo mês. E vieram todos os anciãos de Israel, e os sacerdotes alçaram a arca” (1Re 8:2-3). Os levitas cumprem com perfeição suas tarefas de transportar a arca junto com os outros objetos santos da tenda da habitação (a própria tenda do encontro foi também levada para o templo,

pois não era mais necessária). Os levitas ofereceram sacrifícios diante da arca, tantos que não podiam ser contados. Então, os sacerdotes transportaram a arca para lugar santíssimo e a colocaram sob as asas dos querubins. As varas do transporte foram retiradas (ver comentário na Introdução). Os sacerdotes então deixaram o santuário novamente; enquanto isso, todos os levitas cantores se reuniram para louvar a eterna bondade de Deus com o seguinte cântico: “Deus é bom e suas misericórdias duram para sempre”. Enquanto os corais do templo estavam cantando os louvores do SENHOR, o templo ficou cheio com a nuvem da presença de Deus: o SENHOR sentou-se no trono preparado para Ele (2Cr 5:4-14). De agora em diante essa será sua habitação, o lugar de descanso do SENHOR e da arca do Seu poder (2Cr 6:4).

A colocação da arca no templo tem um grande significado para nós também, pois o templo é um tipo da Assembleia do povo de Deus — que é construída com pedras *vivas* (1Pe 2:5). O apóstolo Paulo diz aos coríntios: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós”? (1Co 3:16). Deus deseja habitar em Seu templo e Ele deseja dar a Cristo o lugar central que Lhe é devido. Então, Seu Espírito pode encher a casa. Esse é, em breves palavras, o significado tipológico dessa história.

Com respeito a isso tudo podemos ainda fazer duas afirmações: primeiro, a tipologia do Antigo Testamento serve como ilustração para os atos práticos da nossa vida cristã. Portanto, o fato que a nuvem encheu a casa depois da arca ter sido transportada para dentro da mesma nos fala não apenas daquilo que aconteceu no dia do pentecostes (a descida do Espírito Santo), mas também da alegria desse glorioso fato de modo prático para nós. O Espírito irá trabalhar em nosso meio enquanto Cristo recebe o lugar de honra que apenas Ele tem direito. Em segundo lugar, o templo e o tabernáculo possuem significados diferentes. É verdade, que os dois são tipos representativos da Assembleia como a casa de Deus. Mas tal representação acontece de pontos de vista diferentes. O tabernáculo é uma habitação temporária pela duração da jornada através do deserto, o templo é o local de descanso permanente na terra prometida. Outro ponto é que o templo não foi construído até que houvesse paz e descanso na terra, e quando Salomão estava reinando como príncipe da paz. A habitação de Deus em nosso meio irá se concretizar na exata proporção em que tomamos posse das nossas bênção espirituais nas regiões celestiais (ver Efésios 1 e o final de Efésios 2) e, na medida em que Cristo, como Príncipe da Paz, habita em nossos corações (ver a oração em Efésios 3).

A PARTE FINAL DA HISTÓRIA DA ARCA

Por fim, nós desejamos dizer algo mais sobre a história da arca como pode ser encontrada no Antigo Testamento. A quantidade de informação que temos acerca disso nas Escrituras, à parte de algumas referências nos Salmos sobre a arca, é tão pequena que é mesmo algo notável. Talvez isso tenha a ver com a divisão que aconteceu antes do término do reinado do rei Salomão. De qualquer maneira, em tempos de restauração (sob os reis Ezequias e Josias) nós ouvimos alguma coisa a respeito da arca. Ezequias estendeu a carta de Rabsaqué diante do SENHOR e clamou por Aquele que está entronizado acima dos querubins (2Re 19:15). E Josias chama a arca pelo seu nome quando ele ordena os levitas para servirem na celebração da páscoa (2Cr 35:3). Desse versículo, alguns chegam a conclusão que a arca foi removida do templo por algum tempo, mas não podemos ter certeza disso. As palavras de Josias também podem ser entendidas apenas como uma ordem para o registro dos fatos: porque desde que a arca foi colocada no seu lugar de repouso no templo, os levitas não precisaram mais transportá-la em seus ombros e então podiam se dedicar a outras tarefas de acordo com os escritos de Davi e Salomão. É provável que a arca foi destruída junto com Jerusalém e o templo pelos exércitos de Nabucodonosor. Afinal de contas a arca em si mesma não é nada mais que um sinal externo da presença do SENHOR. Quando as coisas se tornam realidade, a sombra precisa desaparecer. É a isso que Jeremias, o profeta, se refere quando fala acerca da restauração de Israel nos últimos dias: “E sucederá que, quando vos multiplicardes e frutificardes na terra, naqueles dias, diz o SENHOR, nunca mais se dirá: A arca do concerto do SENHOR! Nem lhes virá ao coração, nem dela se lembrarão, nem a visitarão; isso não se fará mais. Naquele tempo, chamarão Jerusalém de trono do SENHOR, e todas as nações se ajuntarão a ela, ao nome do SENHOR, a Jerusalém; e nunca mais andarão segundo o propósito do seu coração maligno” (Jr 3:16-17).

Do ponto de vista espiritual, isso já é uma realidade: nós não precisamos de um símbolo externo da presença de Deus, porque o Espírito de Deus está habitando na Assembleia bem como nos seus membros individualmente. A presença do Espírito não depende de nenhuma cerimônia. Mas a profecia de Jeremias se cumprirá literalmente depois da segunda vinda de Cristo. Quando Jerusalém for o trono do SENHOR e, de acordo com Ezequiel, também for chamada de: “O SENHOR Está Ali” (Ez 48:35), a arca como trono será um tanto quanto supérflua. Por essa razão, nós não encontramos nenhuma arca

no lugar santíssimo do templo de Ezequiel. De fato, esse santuário, parece estar praticamente vazio. O único item ali acerca do qual lemos é um altar de madeira no lugar santo, que é, ao mesmo tempo, chamado de mesa que se encontra diante do SENHOR (Ez 41:22). Essa mesa-altar une os dois aspectos da adoração e comunhão no lugar santo e essa função tipológica parece ser seu único propósito.

É nosso privilégio conhecer que a realidade pertence a Cristo (Cl 2:17). Porque a Assembleia possui Jesus, a mesma não mais precisa de quaisquer “cópias das coisas que se encontram nos céus” (Hb 9:23). Que nosso desejo constante então possa ser buscar e honrar a Cristo, como Davi e Salomão fizeram com a arca que de modo tipológico testificava acerca do Senhor Jesus.

OUTRAS PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA:



A CASA DE OURO – Jan Rouw e Paul Kiene

Um estudo sobre o Tabernáculo enriquecido com 16 belas fotos de uma minuciosa maquete feita com os materiais originalmente prescritos.

Enfoque evangelístico. O estilo do autor é cativante e faz a pessoa de Cristo se tornar preciosa ao coração.

Cod. CA — Formato 15x15 cm — 48 pg.



COLEÇÃO DE ESTUDOS SOBRE O PENTATEUCO – C.H.MACKINTOSH

O leitor é inteirado de glórias da pessoa e da obra do Senhor Jesus que ele não imaginava encontrar nestes livros (Gênesis a Deuteronômio), em meio a tantas prescrições cerimoniais.

Estas notas são ricas, e ainda assim de fácil compreensão. Mostram como as figuras do Antigo Testamento podem ser deduzidas a partir da consumação do Novo Testamento.

Cod. PT — Formato 13x19 cm — coleção de 6 volumes (total 1898 pg.).